



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA

ANA JANAÍNA DE OLIVEIRA UCHÔA

**O DEBATE DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DAS/OS PEDAGOGAS/OS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - CAMPUS DE CASTANHAL**

CASTANHAL-PA
2018

ANA JANAÍNA DE OLIVEIRA UCHÔA

**O DEBATE DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DAS/OS PEDAGOGAS/OS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - CAMPUS DE CASTANHAL**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado à Faculdade de Pedagogia, da
Universidade Federal do Pará – UFPA, como
requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado
Pleno em Pedagogia.

Orientadora: Dr^a Lilian Silva de Sales.

ANA JANAÍNA DE OLIVEIRA UCHÔA

**O DEBATE DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DAS/OS PEDAGOGAS/OS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - CAMPUS DE CASTANHAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Banca examinadora:

Professora Dr^a Lilian Silva de Sales (UFPA)
Orientadora

Professor Pos-Dr Francisco Valdinei dos Santos Anjos (UFPA)
Avaliador Interno

Zélia Vanuza Marques (Emater – Pará).
Avaliadora Externa

Aprovado em: 05/07/2018

DEDICATÓRIA

A minha mãe que é minha força, meu alicerce,
meu TUDO.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, por ser meu referencial de mulher, forte, independente, perseverante e batalhadora, pelo apoio, paciência, por ser minha melhor amiga e pelo amor incondicional. Se um dia eu for metade do que ela é, serei mais uma mulher a desbravar e enfrentar esse mundo machista.

A meu irmão pela força que sempre me deu em todas as batalhas que me propus a entrar, por ter sido muitas vezes uma figura de pai no papel de irmão mais velho.

A minha avó, mulher que batalhou sua vida toda para ser independente.

Ao meu filho Paulo Vitor que não chegou de forma convencional na minha vida, mas que me ensinou aos pouquinhos o que é amar alguém que não nasceu de mim, mas que se tornou um “pedacinho” enorme de mim.

Agradeço aos amigos que ganhei nessa caminhada no processo de formação, e que me fizeram crescer e por vezes foram meu apoio e incentivo. Em especial as amigas Naéli, Thetty, Nara, Vanessa, Eliana e Paulina.

A todos os professores que contribuíram e enriqueceram meu currículo nesse curso de graduação.

A todos os outros colegas de curso que aceitaram participar desse meu trabalho, como voluntários da pesquisa, serei imensamente grata a todos.

A um ser humano maravilhoso, que me apoiou, ajudou e acreditou em mim. Muito obrigada Amanda.

Agradeço a minha orientadora Lilian Sales, pelo apoio incentivo e por acreditar em mim, pelas conversas fizeram ampliar meus horizontes e ir em busca de novos conhecimentos, pela confiança e dedicação ao trabalho.

A banca examinadora por ter aceito o convite e por todas as contribuições para meu trabalho.

Agradeço a força divina na qual eu acredito e que nos guia por essa viagem louca chamada “vida”.

EPIGRAFE

"Don't worry about a thing,
'Cause every little thing is gonna be alright".

Tradução: Não se preocupe com nada, porque
cada pequena coisa vai ficar bem.

(Bob Marley)

RESUMO

Este trabalho intitulado “O DEBATE DE GÊNEROS NA FORMAÇÃO DAS/OS PEDAGOGAS/OS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - CAMPUS DE CASTANHAL” tem como principal objetivo investigar a importância do estudo da temática de gênero na formação das/os alunas/os concluintes do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Pará, campus de Castanhal, considerando a percepção das/os estudantes, e como específicos i) o que os discentes pensam sobre a relevância da discussão do tema gênero em sua formação ii) analisar as impressões dessas/es discentes sobre as suas experiências com essa temática ao longo do curso de pedagogia do campus de castanhal iii) entender se as disciplinas que trazem essa temática contribuem para tal formação. Para tanto este trabalho utiliza-se de alguns referências teóricos do campo do estudo de gênero e feminista, a fim de subsidiar e auxiliar a compreensão do debate de gênero na formação das/os pedagogas/os. É fruto de pesquisa qualitativa, bibliográfica e de campo, realizada a partir de questionário com perguntas abertas e fechadas, aplicado as/os discentes da turma de pedagogia 2013.2 do turno da noite do referido campus. Como resultado da pesquisa, observamos que as/os discentes consideram importante o debate do tema em sua formação, considerando que a temática contribui de forma positiva em suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Gênero; Educação Escolar; Curso de Pedagogia.

ABSTRACT

The present work entitled "THE GENDER DEBATE IN THE PEDAGOGUES FORMATION AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PARA - CAMPUS OF CASTANHAL", has as main purpose to investigate the importance of studying the gender theme in the formation of senior students in the Pedagogy degree course at the Federal University of Para, Campus of Castanhal, considering the students' perceptions, and specifically i) the students thoughts about the relevance of discussions related to the gender theme in their formation ii) analyze the impressions of these students about their experiences towards this subject throughout the course of pedagogy at the campus of Castanhal iii) understand if the disciplines that carry this theme contribute to such formation. Therefore, this work uses some theoretical references from the study fields of gender and feminism, in order to subsidize and help the understanding of the gender debate in the formation of the pedagogues. It is the result of qualitative, bibliographical and field research, carried out from a questionnaire with open and closed questions, applied to the students of the pedagogy night class 2013.2 from the same campus. As a result of the research, it was observed that students consider the debate of the theme in their training important, considering that the theme would contribute positively to their pedagogical practices.

Key words: Gender, School education, Pedagogy course

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conteúdos curriculares do Curso de Pedagogia – CDP – Castanhal (PPC 2010) - primeiro Núcleo.....	30
Quadro 2 - Conteúdos curriculares do Curso de Pedagogia – CDP – Castanhal (PPC 2010) - Segundo Núcleo.....	31
Quadro 3 - Conteúdos curriculares do Curso de Pedagogia – CDP – Castanhal (PPC 2010) - Terceiro Núcleo.....	33
Quadro 4 - Perfil da turma 2013.2 noite do Curso de Pedagogia - CDP – Campus Universitário de Castanhal - CUNCAST.....	35
Quadro 5 - Disciplinas citadas pelos participantes referentes a pergunta 5 do questionário.....	41

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sexo da turma de pedagogia 2013.2 noite.....	36
Gráfico 2 - Raça/cor da turma de pedagogia 2013.2 noite.....	37
Gráfico 3 - Questão 2 do questionário aplicado.....	38
Gráfico 4 - Questão 3 do questionário aplicado.....	39
Gráfico 5 - Questão 4 do questionário aplicado.....	40
Gráfico 6 - Questão 6 do questionário aplicado.....	44
Gráfico 7 - Questão 8 do questionário aplicado.....	49

LISTA DE SIGLAS

GDE Trabalhando Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Currículo e Prática Pedagógica

PCN'S Parâmetros Curriculares Nacionais

PPC Plano Pedagógico de Curso

UFPA Universidade Federal do Pará

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

CDP Curso de Pedagogia

EJA Educação de Jovens e Adultos

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia

LGBTT Lesbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis

CUNCAST Campus Universitário de Castanhal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONCEITO DE GENERO	14
3 GÊNERO E EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	20
4 O DEBATE DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DA/O PEDAGOGA/O: O QUE FALAM AS/OS ALUNAS/OS CONCLUINTES DO TURNO DA NOITE	28
4.1 O CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS DE CASTANHAL	28
4.2 A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DA/O PEDAGOGA/O – O QUE DIZEM OS DISCENTES CONCLUINTES DO TURNO DA NOITE	34
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES.....	55

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo investigar a importância do estudo da temática de gênero na formação das/os alunas/os concluintes do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Pará, campus de Castanhal, considerando a percepção das/os estudantes. A temática de gênero se encontra presente em diversos espaços de atuação das/os pedagogas/os. Está nas escolas, nas empresas, e outros ambientes nos quais essa/e profissional irá atuar.

O meu interesse pela temática foi motivado pela inquietação durante minha formação acadêmica, na qual o debate de gênero pouco ou quase nada fora discutido nas disciplinas do currículo, salvo uma única experiência na disciplina de educação inclusiva, cuja professora promoveu uma roda de conversa sobre o tema.

Os estudos de gênero não são uma novidade, existem pelo menos desde a década de 1970, com essa denominação. O debate de gênero na educação também conta com uma vasta produção teórica, mas ainda não tem tido sua parcela de atenção necessária na licenciatura em pedagogia. Como poderia uma temática, que a cada dia mais está em evidência na sociedade não ter uma discussão mais profunda para a formação desses futuros docentes?

Em experiências vividas nos estágios supervisionados pude evidenciar como as relações de gêneros se fazem presentes no dia-dia de alunas/os e professoras/es, mas sem o devido tratamento crítico, com fundamentação teórica adequada. Essas experiências me fizeram refletir sobre as dificuldades que as/os professoras/es tem em falar sobre a temática de gênero numa abordagem que incentive relações mais igualitárias entre os diferentes gêneros, fruto de uma formação calcada num modelo de escola tradicionalista ou pela ausência de uma formação profissional na qual a temática não estivesse presente.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo entender o que as/os discentes concluintes do curso de licenciatura em pedagogia, da turma do noturno, pensam sobre a relevância da discussão do tema gênero em sua formação. Bem como, analisar as impressões dessas/es discentes sobre as suas experiências com essa temática ao longo do curso de pedagogia do campus de castanhal.

A metodologia utilizada pautou-se em um levantamento bibliográfica e de uma pesquisa de campo, com aplicação de um questionário que, de acordo com Marconi e Lakatos (1999, p. 100) esse “instrumento de coleta de dados é constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito”. Estruturado e elaborado com perguntas fechadas e abertas aplicado à turma do turno da noite, do curso de licenciatura em pedagogia.

Este estudo está dividido em três capítulos. O primeiro traz uma fundamentação teórica sobre as concepções e conceitos de gênero, junto com uma análise de como estão as discussões de gênero atualmente, quais áreas a teoria de gênero ou a teoria e gênero tem aparecido, com embasamento em estudiosas da área, como Scott (1995), Louro (2001, 2007), Butler (2003), Mattos (2008) e Sales (2016).

O segundo capítulo aborda qual o lugar da escola nas discussões das relações de gênero, e qual a contribuição dessa instituição para a formação de identidades de futuros cidadãos. Para discutir esse aspecto, foram utilizados autores tais como Oliveira (2012), Sales (2012) e Guimarães (2015).

No terceiro capítulo discorre a análise e discussões dos questionários aplicados, além da transcrição das respostas dos discentes, para melhor compreender a visão de cada um desses futuros professores acerca da temática deste trabalho.

2 CONCEITO DE GENERO

Para começar essa análise, volta-se ao tempo buscando nas manifestações feministas do século XX no ocidente a utilização do termo gênero, como afirma Scott (1989, p. 02):

[...] as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos. Foi nesse sentido que as feministas se apropriaram da palavra gênero para denotar as construções socioculturais baseadas na diferença de sexo.

O gênero é entendido como aquilo que diferencia socialmente as pessoas, considerando os padrões histórico-culturais atribuídos para homens e mulheres. Braga (2010, p. 206.) nos traz essa discussão ao afirmar que:

A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher, ou melhor, as diferenças anatômicas de se nascer macho ou fêmea. Sexo é atribuído ao biológico, enquanto gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero, portanto, aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino.

Para Knuppe, Viana e Marcon (2004) o conceito de gênero surgiu para se contrapor a ideia de essência, tentando mostrar que tanto o jeito de ser homem ou mulher, quanto os comportamentos esperados para ambos são construídos histórica e socialmente.

Nesse mesmo entrosamento, do ponto de vista de Louro (2001), a expressão gênero a princípio foi utilizada para marcar as diferenças entre homens e mulheres, nesse sentido, falar de relações de gênero significa ponderar acerca das características atribuídas a cada sexo pela sociedade e sua cultura.

Para Louro (2007, p. 20) “observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem”.

As relações de gênero atribuídos em uma determinada sociedade são apenas e meramente definições de lugares, ou seja, colocar cada um no seu devido lugar, ou uma forma de opressão ao gênero considerado mais frágil e assim, portanto mais vulnerável.

Considerando ainda a história, um movimento que ficou conhecido como “sufragismo” no qual as mulheres lutavam por igualdade no direito de votar, estendeu-se por vários países do ocidente em diferentes intensidades, ficou conhecido como primeira onda feminista (LOURO, 2007). Mas foi na década de 60 que as feministas norte americanas passaram a utilizar o termo gênero nas discussões sobre direitos iguais.

Desde que o movimento feminista se organizou pela primeira vez em torno da reivindicação pelo voto, as mulheres vêm ampliando cada dia mais suas áreas de atuação, saindo do âmbito mais familiar na qual ela já trabalha, como dona de casa, camponesa, e assim migrando para as lojas, indústrias até chegar as áreas científicas, atuando como pesquisadoras em diferentes ramos.

As intelectuais feministas como Scott (1989) e Louro (2007) vêm nos mostrar a importância da mulher na área da pesquisa, pois foi a partir de estudos feministas que surgiu o termo gênero, bem como os estudos voltados para as mulheres, dando visibilidade à produção feminina no campo das diversas ciências.

Como nos afirma Scott (1989, p. 03) “as pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente”.

A produção acadêmica feminista permitiu contestar os lugares restritos para homens e mulheres, desnaturalizando comportamentos, jeitos de ser, estar e agir no mundo, situando no campo da cultura e das relações sociais questões que comumente eram relacionadas às diferenças sexuais.

Louro (2007, p. 207) afirma que “ainda que as formas de conceber os processos de construção possam ser (e efetivamente são) distintas, lidar com o conceito de gênero significa colocar-se contra a naturalização do feminino e, obviamente, do masculino”.

Para Sales (2016, p. 66), em seu estudo sobre experiências de professoras/es “em formação” e articulações de gênero e raça nas escolas públicas “as diferenciações de gênero, ao mesmo tempo em que são construídas socialmente, também constroem e estruturam as relações e experiências dos sujeitos sociais, desenhando lugares para mulheres e homens”.

Butler *apud* Sales (2016) afirma ser o sexo parte constitutiva das construções de gênero, a partir da compreensão da sequência sexo-gênero-sexualidade estruturada socialmente, na qual se cria a heterossexualidade compulsória. Essa perspectiva nos ajuda a compreender como se constrói a ideia de complementaridade entre os gêneros e se institui a percepção de que homens e mulheres são a metade uns dos outros.

Constrói-se socialmente a ideia de que a heterossexualidade é o padrão e norma natural do ciclo de reprodução da vida, visão reforçada inclusive em práticas de religiosidade que tem como base a bíblia. Louro (2008) afirma que:

No tempo em que a bíblia era a “fonte de autoridade”, era no texto sagrado que se buscava a explicação sobre relacionamento entre mulheres e homens e sobre

qualquer diferença percebida entre eles. Nesse tempo, o corpo tinha menos importância.

Para Katz (1996) no período de 1820 a 1860 o termo heterossexualidade não existia, pois, o uso do corpo na prática do sexo entre mulher e homem só tinha uma única finalidade que era a procriação, deixando afora as questões de desejo, prazer e o erotismo. Foi só no século XIX que então o erótico se tornou algo mais concreto e presente, o corpo passou a ser utilizado como um condutor de prazer e satisfação aos desejos, e dentro dessas condições de prazeres do corpo se tem também a homossexualidade.

Diante do aparecimento dos termos heterossexual e homossexual, se tem por necessidade uma discussão sobre esses conceitos e uma distinção entre eles, para que haja a separação do que se entende por identidades de gênero e identidades sexuais. Foucault (*apud* LOURO, 2007) em seus estudos sobre a sexualidade defende a ideia de que há ao longo da história do ocidente, vários discursos sobre a sexualidade, o que permite traçar uma história da sexualidade. Esses diversos discursos produzem saberes e regulam práticas sociais.

A relação de identidades sexuais se dá por meio das vivências sexuais entre parceiros do mesmo sexo, opostos, ambos ou sem nenhum parceiro. Para Louro (2008, p. 25), os sujeitos sexuais se expressam de formas diferentes, vivendo seus desejos e prazeres corporais.

A identidade de gênero também se dá por meio de uma construção em que “os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos e femininos e assim constroem sua identidade de gênero” (LOURO, 2007, p. 26).

As identidades sexuais e de gênero estão de fato inter-relacionadas, pois é no âmbito da cultura e da história que essas identidades se constroem, e essas duas identidades fazem parte da construção de um sujeito. Como diz Louro (2000, p. 6), “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”.

O importante é saber que tanto as identidades de gênero quanto as identidades sexuais não são fixas, vão se construindo e reconstruindo no processo de vivências nos diferentes contextos com os quais nos relacionamos, nenhuma é dada e encerrada num determinado momento.

Assim, para Louro (2007, p. 27):

Não é possível fixar um momento - seja esse o nascimento, a adolescência ou a maturidade - que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.

Desta forma, pretende-se colocar a construção de gênero dentro do debate social, cultural (LOURO, 2007) para que o estudo das desigualdades não se apegue ao fator biológico, mas que leve em consideração as questões, sociais, culturais, religiosas, étnicas, raciais.

Se as relações sociais são fundamentais para a construção de gênero, podemos então dizer que identidades de gênero se torna importante, nesse contexto Butler (2003) traz a discussão de que antes mesmo de nascermos as questões em torno da formação de identidade de gênero já se faz presente. Segundo ela:

Seria errado supor que a discussão sobre a “identidade” deva ser anterior à discussão sobre identidade de gênero, pela simples razão de que as “pessoas” só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero. (BUTLER, 2003, p. 37).

Dentro dessas formas de se regradar e padronizar o modelo do ser “mulher” e do ser “homem” não se leva em conta as possibilidades transgressoras que hoje se encontram devido às mudanças de estrutura de uma sociedade. Para Louro (2000, p. 4):

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas.

Busca-se contextualizar, portanto, o que sabe sobre gênero, na intenção de não o generalizar a respeito da construção do “homem” ou da “mulher”. A partir do momento em que se define gênero como uma construção social levando em consideração as distintas sociedades e momentos históricos, o conceito passa a exigir que se pense no plural, pois as representações de homem e de mulher são diversas e não totalmente definidos ou acabados. Nessa discussão Louro (2007, p. 23) vem nos dizer “que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem”.

Gênero passa a ser pauta de várias discussões e subsidia, como categoria analítica, vários estudos. O conceito de gênero passou a aparecer como um instrumento de categoria analítica em diversas áreas de conhecimento que antes eram impensadas que gênero pudesse ser discutido, como na física, teologia, educação física, na política, mas foi nas ciências humanas onde gênero teve seu grande destaque. As discussões em torno de gênero tomaram grandes proporções, levando o uso do tema não só em diferentes áreas do conhecimento, como também a possibilidade de suas múltiplas utilizações, uns passando pelo gênero e suas teorias outros usando da teoria de gênero.

Segundo Matos (2008, p. 08), essa discussão:

Parece-me bastante razoável supor que, enquanto instrumento de construção teórico-analítica, gênero já se encontra, nos dias atuais, em situação bastante privilegiada. Acredito ser esse o caso também para nós aqui no Brasil, em que a temática, nas discussões acadêmicas (mas não apenas nelas), se encontra suficientemente reconhecida e destacada. Ainda que sejam perceptíveis usos diferenciados do conceito e entradas teórico-metodológicas múltiplas, teorias que se intitulam efetivamente “de” gênero e teorias que flertam ou apenas se aproximam dessas discussões (teorias “e” gênero), como já apresentado, conformam volume substantivo de estudos numa condição crítico-reflexiva madura.

Uma das propostas feministas é de que gênero seja intitulado como um campo, ou seja, que gênero venha a ser estudado e tratado como um saber científico, a ser analisado nas diferentes áreas, possibilitando o seu uso para formar teorias e fundamentações sociais, reformulando o tradicionalismo, refazendo as teorias arcaicas acerca das minorias menosprezadas. Matos (2008, p. 21) nos traz essa indagação acerca do uso do gênero:

É possível uma ciência que seja reflexiva e que possa colaborar na árdua tarefa política e social de reconstrução de cenários de interação e sociabilidade humanas mais equânimes, mais simétricos, mais responsáveis e, quem sabe, mais democráticos em termos de gênero, raça, geração etc.?

As discussões de gênero atualmente estão mais presentes nas formações acadêmicas das novas gerações, podendo assim gerar novas discussões e se desenvolver e aplicar gênero como um saber científico que ajude na propagação da igualdade, as discussões atuais abrem leques de possibilidades e vislumbram um novo horizonte. Assim, sendo Matos (2008, p. 23) declara:

Penso que esse forte avanço no sentido da concretização da institucionalização desse novo campo, além de produzir a sua visibilização e reforçar a sua consolidação, vai contribuir concretamente nas muitas revisões e re-elaborações de questões que são centrais na ciência política, na sociologia, na antropologia, na psicologia, na comunicação social etc. e que ainda não tivemos tempo suficiente para deflagrar. O espaço está conquistado e necessita ser definitivamente consolidado, mantido e até ampliado.

A contribuição do campo de gênero para formação de identidades, tanto masculinas quanto femininas é mostrar a capacidade humana de se reinventar, recolocar, frente a padrões colocados como universal e que deve ser seguido/ copiado, ou seja, gênero vem para ser um transgressor de multiculturalidade emancipatória, e incontestavelmente o toque feminino e feminista é que tem levado essas discussões afrente.

Matos (2008, p. 19) diz:

A adoção de uma perspectiva que valoriza a proposta do campo de gênero pretende, de forma substantiva e consistente, fazer avançar a discussão sobre sujeito e agenciamento/empoderamento das mulheres e sobre as ciências e seu enfrentamento

numa versão multicultural e emancipatória que em nosso entender passa a ser decorrente da ampliação de um escopo epistêmico [...].

Na busca de um projeto de emancipação social responsável, gênero tem dado sua contribuição, como afirma Matos (2008, p. 21): “[...] pretende-se propor que o campo de gênero, fundado numa epistemologia multicultural emancipatória da complexidade, do paradoxo e da simultaneidade, opere através de sujeitos e agenciamentos que são transitórios e múltiplos [...]”.

3 GÊNERO E EDUCAÇÃO ESCOLAR

O processo de formação educacional em nossa sociedade se dá em diversos espaços diferenciados, da família à escola, da igreja ao sindicato, das associações esportivas e de lazer aos centros de convivência social; nesses diferentes espaços, aos longo da vida, aprendemos a ser parte de uma sociedade específica, de um grupo social.

Segundo Sales (2002, p. 3) a escola é uma das diversas instituições sociais, existentes na nossa sociedade, em que um dos papéis mais importantes é o de transmitir os valores aprovados pelo grupo. A escola, como cita Sales, tem um papel importante para a construção de identidade de um indivíduo, portanto, ela deve abranger todas as especificidades de uma sociedade e/ou cultura. Em um relato feito em sua dissertação¹, que se remete a sua própria escolarização, para ilustrar o quanto a escola é um espaço marcado por distinções de gênero, Sales (2002, p. 11) relata:

[...] as diferenças se tornaram mais marcantes, pois, como se não bastassem as diferenciações impostas pelas atividades pedagógicas, ainda havia aquelas impostas pelo próprio espaço físico, como, por exemplo, a existência de três escadas separadas, uma para moças, uma para rapazes e outra para professores(as).

O relato da autora nos mostra que na escola estimulam-se as diversas experiências para a construção de identidade pautada nos modelos de gênero presentes na sociedade, dessa forma acaba-se por controlar até mesmo o espaço em que cada pessoa deva permanecer de acordo com seu gênero.

O indivíduo já traz consigo ao nascer uma carga muito grande em torno do seu sexo biológico, pré-estipulados pela sua família e sociedade, até chegar a fase de se frequentar o ambiente escolar, esse indivíduo capta comportamentos, falas, ações, movimentos, preferências e outros, já adquirido no âmbito familiar, social e cultural que convive, ao chegar a escola, esse novo ambiente agora fará parte dessa construção de identidade, reforçando comportamentos estereotipados para cada gênero ou sendo um ambiente que se possa vivenciar outros experiências.

Essa percepção de carga social trazida pelos alunos para a escola em torno de comportamentos estereotipados é refletida em atitudes na hora do brincar, na hora da socialização com os colegas, a todo o momento na escola se presencia essa pressão da sociedade para que cada gênero tome para si, seu papel predeterminado como nos relata Sales

¹ Dissertação com o tema: Escola Mista, Mundo Dividido: Infância e Construção de Gênero na Escola (Belém, Pará) defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 19 de fevereiro de 2002.

(2002, p. 67): “[...] o que os impedia de participar do jogo, considerado socialmente inapropriado para o seu gênero, era a percepção cultural que a sociedade imprime naqueles que dela fazem parte, referente aos papéis que cada um dos gêneros deve ou não desempenhar”.

O indivíduo que está na escola já traz consigo uma carga significativa de seu ambiente familiar, social e/ou cultural em torno do seu sexo biológico, quando se depara com situações diferentes as já vivenciadas e estimuladas de acordo com o seu gênero masculino ou feminino, esse indivíduo reproduz o que já lhe foi imposto como sendo “natural” ou ele transgride esse comportamento determinado para seu gênero.

Sales (2002) observou que as distinções de gênero na escola, incidem na construção dos comportamentos corporais das crianças, influenciando na expressão corporal, seus movimentos, suas ações e sua participação em brincadeiras. Nesse sentido, a autora observa que “os indivíduos, em cada sociedade, são reconhecidos pelos gestos, maneiras de andar, sentar, comportar-se em determinadas situações; é o corpo como expressão da identidade do grupo” (SALES, 2002, p. 76).

Historicamente a escola foi utilizada como um meio de categorizar diferentes indivíduos, um local de segregação por gênero, raça, etnia entre outros, como nos mostra Louro apud Sales (2002, p. 94), na citação a seguir:

Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos. - tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.

Oliveira (2013) afirma que a “[...] representação da escola enquanto espaço culturalmente neutro, apontando que muitas das estratégias nela adotadas conseguem lidar com a diversidade, mas não com a diferença”. Esse debate é importante no sentido de que a escola precisa compreender que o debate sobre diversidade é complexo, compreende uma infinidade de dimensões que precisam ser evidenciadas numa perspectiva da diferença.

Esse autor destaca que as experiências de debates sobre diversidades na escola sem considerar as múltiplas diferenças que atravessam o que chamamos de diversidade, acabam por invisibilizar temas que são de mais difícil condução como, por exemplo, racismo, homofobia, entre outros considerados menos palatáveis no espaço escolar.

E importante destacar que as discussões das diferenças sejam elas no âmbito religioso, cultural de gênero, racial e outros, possam ser também acompanhadas e apoiadas pela escola.

A escola é o espaço da diferença, da contradição e descobertas sobre si e o mundo, desde que a mesma promova o respeito às diferenças, quebrando barreiras acerca das expressões de identidades de gênero. Para Oliveira (2013, p. 3) a escola deve “mostrar que o espaço escolar pode ser um *locus* relevante para o desenvolvimento de uma visão mais aberta, democrática e respeitosa de como lidar com as diferenças que tangem à vida social, sexual e afetiva”.

O trabalho desenvolvido pela escola, então, é responsável por parte da construção de identidade desse sujeito, incluindo-se aí as identidades de gênero, mesmo quando a escola toma para si a postura de ser omissa e silenciar-se diante daqueles que não correspondem aos atributos desejados socialmente para o seu gênero, é também uma forma de contribuir nessa formação de identidades.

Para Oliveira (2013, p. 4) “[...] a instituição que, em tese, deveria educar, ensina aos que são marcados como estranhos a silenciar sobre si mesmos”. E essas marcas adquiridas no ambiente educacional, podem vir a somar para uma identidade marcada por traumas e não aceitação e tentativa de se enquadrar ao que é imposto como “aceitável” de acordo com o gênero, feminino ou masculino.

Dentro dessa normatização imposta de gênero feminino tem que está atrelada a feminilização, e gênero masculino deva seguir os padrões da masculinização estão sujeitos que sofrem por não seguirem essas regras e os indivíduos que tentam a todo custo seguir esses padrões. Bortolini *et al.* (2014, p. 34) consta essa afirmação:

As normatizações de gênero não são algo que afeta apenas quem descumpra o roteiro pré-estabelecido, mas produzem angústia inclusive naqueles/as que se enquadram (ou tentam) nos modelos de masculinidade e feminilidade hegemônica. As relações de gênero, como relações de poder que são, afetam a todas as pessoas.

Mas toda essa relação de imposição do que deve ser seguido como norma padrão, e a discriminação aqueles que não a segue, tem relação com questões sociais, e o ambiente que cada indivíduo está inserido, e a escola é um desses ambientes. Portanto, para Bortolini *et al.* (2014, p. 34) diz que, “pensar na superação de um ambiente escolar discriminatório e violento, no que diz respeito à sexualidade e ao gênero, requer, antes de tudo, a compreensão do quão arraigados estes conceitos estão em nosso cotidiano e nosso discurso”. E nesse mesmo entrosamento Junqueira (2009), *apud* Bortolini *et al.* (2014) fala da importância de se compreender que não se trata apenas de defender uma minoria vitimizada, mas de reconstruir

toda uma gama de relações sexistas, hierarquizadas, desiguais e opressoras, que atingem toda a comunidade escolar.

A escola cria regras, delimita espaços, através de códigos, símbolos, ela afirma o que cada um pode e não pode fazer, ela separa. Informa o lugar de meninos e meninas, de pequenos e grandes. Louro (2007, p. 58) ratifica, “o prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos”.

E essas “regrinhas” estão extremamente enraizadas no ambiente escolar que se naturaliza entre os que ali circulam, o que talvez impeça de notar que no interior das atuais escolas, eles/elas, moças e rapazes, meninos e meninas, circulam e se movimentam de forma diferente um do outro e se agrupem de formas distintas.

Segundo Louro (2007, p. 59), “gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar: se aprende a preferir”.

É nesse ambiente escolar que o educador acaba por invisibilizar as diferenças sexuais e de gêneros dos alunos, por meio de fala, atitudes, gestos que negam ou dizem revelar a identidade de gênero e/ou sexual.

Mas nossos alunos e alunas têm sexo, têm orientação sexual, têm sexualidade e vivenciam relações de gênero, o que produz uma série de experiências de vida – e aprendizados, inclusive na escola. Porque a nossa escola, mesmo que negue, fala e ensina sobre sexualidade. Quando negamos as diferenças o que acontece de fato é que acabamos invisibilizando todas as expressões e experiências que fogem da norma. Invisibilizamos e naturalizamos também as nossas práticas pedagógicas e institucionais que reforçam modelos hegemônicos heteronormativos, como se eles fossem simplesmente universais. (BORTOLINI *et al.*, 2014, p. 37).

O medo de que meninos e meninas sejam introduzidos na sexualidade cedo mascara que todas essas questões já estão muito presentes, tanto na família quanto nas escolas, a tentativa de repreensão do discutir gênero em sala, para pessoas que de certa forma já convivem com essa realidade, acaba por calar aqueles/as que não se enquadram no “perfil” criado para cada gênero. Além disso, quando se invisibiliza alunos/as, se invisibiliza práticas pedagógicas que de forma direta ou indireta ensinam sobre gênero e sexualidade, tornando mais difícil admitir que o educador e a escola como instituição pedagógica reproduzem o machismo, sexismo a heteronormatividade.

Essa repreensão chega até as salas de aula, para que professores reproduzam a “cartilha” do que deve e não deve. E para Louro (2007, p. 89) “o que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é atravessada pelos gêneros; e torna-se impossível pensar sobre a

instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino”.

Observa-se que a escola se constrói, portanto, como espaço privilegiado para a produção de silenciamentos que se baseiam na naturalização das construções histórico-sociais e, devido a tanto, também é o espaço escolar um local privilegiado para o questionamento de tal naturalização (LOURO, 2001, p. 15).

Essa imagem da escola como um ambiente apartado das questões de uma sociedade, deve ser desconstruída, a imagem da escola como imaculada, pode ser tornar um dispositivo de perpetuação de ações discriminatórias, ou a omissão diante de uma situação de discriminação e preconceito. Esse alerta não é somente para a instituição escola, como para os agentes de execução que se encontram nesse ambiente, e o docente é o agente principal desse canal entre aluno e escola, pois é ele o responsável por reproduzir os conhecimentos estabelecidos, mas para Miskolci *apud* Oliveira (2013, p. 7):

A intenção aqui não é cair em um discurso culpabilizador acerca dos docentes, o que parece ser uma operação delicada, uma vez que, um dos pontos de fragilidade da obra encontra-se na sua construção teórica que deixa num segundo plano, os contextos nos quais os professores da educação básica se encontram tanto no que diz respeito ao processo de formação no Brasil, quanto às condições de trabalho. Contudo, os autores acertam em cheio ao apontar para a necessidade de reformulação dos currículos e das metodologias pela escola.

Então qual seria a postura do professor frente a essa realidade que adentra os portões da escola? O docente enquanto figura (re)produtora de conhecimentos para esse indivíduo, adotaria uma postura pautada nas suas crenças e seus conceitos pessoais, ou seriam neutros, deixando seus “achismos” de lado e adotando uma postura de mediador?

Autores como Louro (2001), Guimarães (2015), entre outros, apontam para a necessidade de se reformularem novas concepções, práticas e metodologias a serem utilizadas pelos profissionais da docência.

Pereira (2010, p. 55) aponta para a revisão de práticas pedagógicas dos professores no sentido de que tenham cuidado para não contribuírem para a difusão da intolerância, mas que, sobretudo, o “eu” e o “outro” tenham os mesmos direitos e sejam vistos e representados nos conteúdos escolares, bem como nas instituições sejam quais forem, e a escola é esse ambiente onde as diferenças sociais estão presentes.

A partir do momento que se toma uma posição com relação à mediação dessas múltiplas realidades sociais presentes dentro da escola, se têm consequências das atitudes

tomadas. Uma delas é a propagação da discriminação e a violência simbólica, que Guimarães (2015, p. 4) explica como sendo:

[...] exercida através da força simbólica. Depreende-se assim que as forças simbólicas podem ser entendidas como comunicação e programas culturais, os meios de comunicação de massa, a educação escolar, o discurso religioso, etc. Sob essa teoria, a escola reproduziria relações sociais através da reprodução diferenciada da cultura.

Essa violência simbólica é a capacidade de um grupo com recursos materiais e forças se impondo para outro grupo subordinado, seus conceitos, seus valores de escolarização, que leva a legitimação da dominação. Um bom exemplo de um espaço de ensino que impõem seus valores, é a escola religiosa, que suas fundamentações são baseadas em uma determinada religião, sem se importar com a diversidade de alunos que apresentam suas diferenças, que as vezes se diferem desses valores pré-estabelecidos.

É necessário, portanto, que as instituições de ensino e seus profissionais se qualifiquem para que respondam questões pautadas nos conhecimentos científicos que são tratados pedagogicamente e no que se refere aos estudos de gênero, há uma vasta gama de produções que tomam como base as relações de gênero em vários espaços sociais, entre eles a escola nos diversos níveis de ensino.

Pensando nessas diversidades e diferenças e como elas devem ser trabalhadas no ambiente escolar, as questões de gênero estão previstas desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S), desde 1997, a partir dos temas transversais. Guimarães (2015, p. 5) afirma que:

Essa temática, dentro da escola, é de caráter interdisciplinar e requer do corpo docente conhecimentos nas áreas de fundamentos éticos, conhecimentos jurídicos, noções histórico-geográficas, conceitos sócio antropológicos, entendimento na área de linguagens e representações, conhecimentos populacionais, psicológicos e pedagógicos.

Outro documento que assegura o ensino das relações de gênero nas escolas é a diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil (2010, p. 17) que fala acerca dessa abordagem:

Construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico racial, de gênero, regional, linguística e religiosa.

O sujeito, então, vivencia essa diversidade dentro da escola, e o papel do docente é trazer essa realidade para a sala e de forma mediadora abordar o tema, mostrando as direções a esses sujeitos. Posto isso, Guimarães (2015, p. 5) declara:

Para isso foi criado o PCN de Pluralidade Cultural, norteador da escola e educadores, com o objetivo de estimular a “cultura da paz” entre os discentes, sob a ótica de respeito e valorização das diferentes culturas que contribuíram para a formação da identidade do povo brasileiro superando um extenso histórico de discriminação e segregação social destinados a alguns grupos [...]

Pensando nisso, o grande desafio da escola é reconhecer e saber trabalhar com as diversidades culturais e sociais reconhecendo como parte importante na construção de identidades que compõem uma sociedade. Guimarães (2015) também nos diz que uma ação pedagógica realmente pautada na diversidade cultural e social deve ter como princípio uma política curricular da identidade e da diferença, indo além de falas prontas, mas promovendo ações que permitam que essa diferença seja acolhida e questionada, a fim de saber como ela é constituída, fazendo uma reflexão acerca da contribuição dessa diferença para a sociedade.

Sendo assim, para Guimarães (2015, p. 6):

[...] a reflexão crítica, política e social deve abranger todo o embasamento educacional dando ao indivíduo a satisfação de sua cultura, gênero e etnia através de reflexões, ressaltando que a reflexão não deve aparecer apenas para solucionar problemas, a reflexão só será meio de transformação quando se tornar um hábito.

A escola tem sido o ambiente de reprodução de muitos padrões normatizadores acerca das relações de gênero quanto a feminização de masculinização, como evidencia Guimarães (2015, p. 6):

Um exemplo disso são as políticas educacionais que procuram minimizar as atitudes discriminatórias por meio da negação de que existam como realidade, acabando por confirmá-las. Outro são os livros didáticos que contêm visões estereotipadas e preconceituosas acerca dos grupos minoritários.

Mas outro meio tem sido a mídia com sua grande parcela de influência nessa disseminação da ideia que, seus comportamentos devem ser pautados no gênero feminino e masculino e, portanto, suas ações devam condizer com o que já fora estipulado para cada gênero. Guimarães (2015, p. 6) fala dessa influência que a mídia tem na construção de estereótipos de gênero, sexuais e raciais. A autora afirma que:

a mídia brasileira tem sido palco privilegiado para a reprodução de estereótipos de gênero, raça e etnia e invisibilização das populações historicamente discriminadas. Como resultado, atua como um dos principais agentes para a manutenção de crenças, valores, hábitos, comportamentos e atitudes sexistas, racistas e etnocêntricas, promotores de sofrimento e de profundas desigualdades na sociedade brasileira.

A combinação dessas ações discriminatórias fere os direitos humanos e contribui para uma sociedade com altos índices de discriminação e reproduz estereótipos e estigmas sobre as mulheres. Essa autora ressalta ainda:

[...] que os estereótipos construídos acerca de grupos sociais que compõem a sociedade, em relação a sexo, cor/raça, classe etc. se tornam características definidoras de lugares sociais, simbólicos e econômicos na sociedade. Determinam oportunidades e dificuldades na esfera da vida social, influenciando, por exemplo, ativamente na possibilidade de mobilidade social de negros, mulheres, gays e lésbicas (GUIMARÃES, 2015, p. 6).

Esses estereótipos são aprendidos e ensinados. Uma menina não nasce já querendo todo seu quarto rosa e brincar só de bonecas ou o menino que já nasce com preferências para jogar bola e ter um time de futebol para torcer, todas essas convenções acerca do sexo que foram aprendidas pelos pais, repassadas para os filhos e assim seguindo essa linha genealógica de valores estipulados em cada família, deixando afora os fatores que influenciam nessa construção de identidade, usando apenas como base o sexo biológico com o qual esse indivíduo nasceu.

4 O DEBATE DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DA/O PEDAGOGA/O: O QUE FALAM AS/OS ALUNAS/OS CONCLUINTEs DO TURNO DA NOITE

4.1 O CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS DE CASTANHAL

No início do século XX alguns movimentos provocaram mudanças na educação e o movimento pioneiros da Escola Nova, lutavam por implementação de universidades no Brasil, foi então nesse período com a criação da faculdade de filosofia e letras, que o curso de pedagogia surge, com o objetivo de formar professores para o ensino secundário², e desde sua criação há quase 80 anos atrás houve mudanças significativas. No começo o curso de pedagogia no Brasil formava bacharéis e licenciados como nos afirma no Plano Pedagógico de Curso (PPC, 2010, p. 5):

Com configuração inicial que tinha como objetivo, nos três primeiros anos, a formação do bacharel e, no último ano, a licença para o exercício do magistério secundário e normal (esquema 3 + 1). Essa configuração do curso estendeu-se até o início da década de 1960. O curso foi novamente regulamentado em 1962, com o objetivo de formar profissionais para funções não-docentes do setor educacional e professores para as Escolas Normais.

De acordo com o PPC (2010) em 1969 houve mais mudanças no curso, onde passou a oferecer para os profissionais neles formados a atuarem na supervisão, coordenação, administração e orientação dos sistemas escolares. Mas antes desse período em 1954 o curso de pedagogia chegou ao polo da Universidade Federal do Pará de Belém e em 1994 o curso foi implantando em todos os campi da UFPA. No campus de castanhal o curso que antes era ofertado em período intervalar passou a ser permanente.

O curso de pedagogia do campus de castanhal tem um PPC que vai de 1999 até 2008, e o que está em vigência é o PPC de 2010³, um de seus fundamentos norteadores é:

[...] se adéqua à reafirmação do compromisso com os processos formativos humanizadores, voltados para o fortalecimento de uma educação contemporânea de qualidade e com compromisso social na perspectiva de contribuir para a construção de um mundo mais humano, propiciando ao graduando uma visão ampla da diversidade do fenômeno educativo.

E:

² Ensino médio.

³ Até o momento de defesa desse trabalho, o PPC do curso de pedagogia passava por uma programação que visa a sua revisão.

[...] pautada na diversidade de conhecimentos voltados à área de atuação profissional visando à compreensão da complexidade da prática educativa para o exercício da profissão, tendo por pressuposto que a docência constitui sua identidade básica, à qual se agrega a de profissional preparado para atuar em diferentes espaços onde o fenômeno educativo se manifesta, bem como, na organização e na gestão educacional, conforme propõe o Artigo 64, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96.

De acordo com o PPC do curso de pedagogia, proporcionaria uma formação visando a abrangência de conhecimentos pautados na diversidade, preparando o profissional para atuar em diferentes espaços.

O Curso de Pedagogia (CDP) de acordo com o PPC está dividido em núcleos e dimensões que norteiam a formação dos profissionais dessa área, e esses núcleos estão divididos em três, que norteiam a organização curricular, primeiro é o Núcleo de Estudos Básicos o segundo Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos, e o terceiro Núcleo de Estudos Integradores. Segue abaixo, quadros que explanam melhor os núcleos, dimensões e os componentes curriculares do PPC do curso de pedagogia campus castanhal (2010).

Quadro 01: Conteúdos curriculares do CDP- Castanhal (PPC 2010) - primeiro Núcleo.

NÚCLEOS	DIMENSÃO	COMPONENTES CURRICULARES
NÚCLEO DE ESTUDOS BÁSICOS	Fundamentos Do trabalho Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Filosofia e Educação I ▪ História da Educação ▪ Sociologia da Educação ▪ Psicologia da Educação ▪ Antropologia Educacional ▪ Desenvolvimento Humano, Aprendizagem e Educação. ▪ História da Educação Brasileira e da Amazônia ▪ Filosofia e Educação II ▪ Corporeidade e Educação ▪ Legislação Educacional ▪ Didática e Formação Docente ▪ Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento ▪ Fundamentos da Educação Inclusiva ▪ Tecnologias Informáticas e Educação
	Fundamentos do Trabalho em Pesquisa Científica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fundamentos Epistemológicos das Ciências ▪ Fundamentos Metodológicos do Trabalho Científico e Acadêmico

Tabela retirada e modificada do PPC do curso de pedagogia (2010).

O Primeiro núcleo de acordo com (PPC, 2010) representado no quadro 01, é o estudo das teorias e concepções da área de conhecimento no campo da pedagogia, que são implicações epistemológicas que incidem no fenômeno educativo e aspectos normativos da educação escolar e dos conhecimentos, saberes, atitudes e procedimentos fundamentais ao acadêmico. E dentro desse núcleo estão duas dimensões: Fundamentos do Trabalho Pedagógico e Fundamentos do Trabalho em Pesquisa Científica.

Quadro 02: Conteúdos curriculares do CDP- Castanhal (PPC 2010) - Segundo Núcleo.

NÚCLEOS	DIMENSÕES	COMPONENTES CURRICULARES
<p style="text-align: center;">NÚCLEO DE APROFUNDAMENTO E DIVERSIFICAÇÃO DE ESTUDO</p>	<p>Formação de Professores: Educação Infantil</p>	<p>Estágio de Introdução ao Campo Educacional</p> <p>Estágio de Docência na Educação Infantil</p> <p>Fundamentos Teóricos- Metodológicos da Educação Infantil</p> <p>Psicogênese da Linguagem</p> <p>Ludicidade e Educação</p> <p>Processos de Ensino e Letramento</p> <p>Motricidade Humana na Educação</p>
	<p>Formação de Professores para o Ensino Fundamental (Séries Iniciais e EJA)</p>	<p>Avaliação da Aprendizagem</p> <p>Planejamento e Organização do Ensino-Aprendizagem</p> <p>Estágio no Ensino Fundamental: Séries Iniciais</p> <p>Estágio na Educação de Jovens e Adultos</p> <p>Fundamentos Teóricos-Metodológicos do Ensino de Português</p> <p>Fundamentos Teóricos-Metodológicos do Ensino de Matemática</p> <p>Fundamentos Teóricos-Metodológicos do Ensino de Ciências</p> <p>Fundamentos Teóricos-Metodológicos do Ensino de História</p> <p>Fundamentos Teóricos-Metodológicos do Ensino de Geografia</p> <p>Didática</p> <p>Fundamentos da Arte-Educação</p>

	LIBRAS
Organização e Gestão do Trabalho Pedagógico em Ambientes Escolares e Não Escolares	Estágio na Gestão, Orientação e Coordenação Pedagógica Escolar Estágio em Pedagogia Não Escolar Ética, Estética e Trabalho Pedagógico Currículos e Programas Planejamento Educacional Avaliação Educacional Gestão e Organização de Sistemas e Unidades Educacionais Sociedade, Estado, Trabalho e Educação Política Educacional Estatística Aplicada a Educação Pedagogia em Ambientes Escolares Pedagogia em Ambientes Não Escolares
Formação em Pesquisa Educacional	Metodologia da Pesquisa em Educação Laboratório de Pesquisa I Laboratório de Pesquisa II Trabalho de Conclusão de Curso

Tabela retirada e modificada do PPC do curso de pedagogia (2010).

O segundo é o Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos, (quadro acima) pauta-se na atuação do pedagogo suas ações, experiência de trabalho de campo na educação seja em ambientes escolares e não escolares. Ele é dividido em quatro dimensões: Formação de Professores - Educação Infantil e Ensino Fundamental (Séries Iniciais e EJA); Organização e Gestão do Trabalho Pedagógico em Ambientes Escolares e Não-Escolares e Formação em Pesquisa Educacional.

Quadro 03: Conteúdos curriculares do CDP- Castanhal (PPC 2010) - Terceiro Núcleo.

NÚCLEO	DIMENSÃO	COMPONENTES CURRICULARES
Núcleo de Estudos Integradores	Tópicos Eletivos de Aprofundamento	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Educação do Campo ▪ Educação Ambiental ▪ Educação de Jovens e Adultos ▪ Formação de Professores na Educação Infantil ▪ Coordenação e Gestão de Ambientes Escolares
	Atividades independentes de aprofundamento e integração	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Participação do aluno em atividades de extensão, pesquisa, monitorias, iniciação científica, estágios profissionais, experiência didática, participação em eventos e cursos na área de educação e áreas afins, publicação e comunicação de pesquisas, participação em projetos sociais ou culturais de caráter educativo e em atividades de intercâmbio que possuam temáticas educativas como foco.
	Tópicos Optativos de Integração Curricular	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Participação do aluno em atividades de ensino e de extensão universitária seja na qualidade de participante ou de ministrante.

Tabela retirada e modificada do PPC do curso de pedagogia (2010).

O terceiro é Núcleo de Estudos Integradores são: atividades que possam propiciar e enriquecer o currículo dos discentes com temáticas de sua livre escolha, como também a participação em projetos de pesquisa e extensão que a universidade oferece a seus discentes. Ele possui três dimensões norteadoras: Tópicos Eletivos de Aprofundamento; Atividades Independentes de Aprofundamento e Integração e Tópicos Optativos de Integração Curricular.

Segundo o PPC (2010) o curso de pedagogia vem de forma a integrar e atender as necessidades e interesses individuais dos alunos, propiciando uma coerência com os componentes curriculares e temáticas emergentes, deixando em aberta espaços para a criação e o ensaio que se fundamenta em três pontos fundamentais da vida acadêmica, a pesquisa, ensino e extensão.

4.2 A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DA/O PEDAGOGA/O – O QUE DIZEM OS DISCENTES CONCLUINTE DO TURNO DA NOITE

Para esta pesquisa foi escolhida a turma de pedagogia do ano de 2013.2 turno noite que estava em seu último semestre, na turma estão matriculados 40 discentes, e dentre estes 25 se comprometeram a responder o questionário, dos 25 questionários entregues, apenas 19 foram devolvidos o que compreende em 76% dos alunos que receberam o questionário.

Com base nas respostas obtidas faremos uma análise em torno das 8 perguntas feitas aos alunos/as, procurando identificar a compreensão delas/es em relação a temática, se a temática foi trabalhada em sua formação, se estudo de gênero é relevante para a formação e se o estudo da temática pode influenciar nas suas futuras praticas pedagógicas e por último, a indagação sobre o preconceito com relação a gênero.

Com vistas a situar quem foram nossas/os interlocutoras/es nesse trabalho, construímos um quadro geral e gráficos com a finalidade de compor um perfil das pessoas que participaram da pesquisa, considerando: sexo, raça/cor e faixa etária.

Quadro 04: Perfil da turma 2013.2 noite do CDP- CUNCAST.

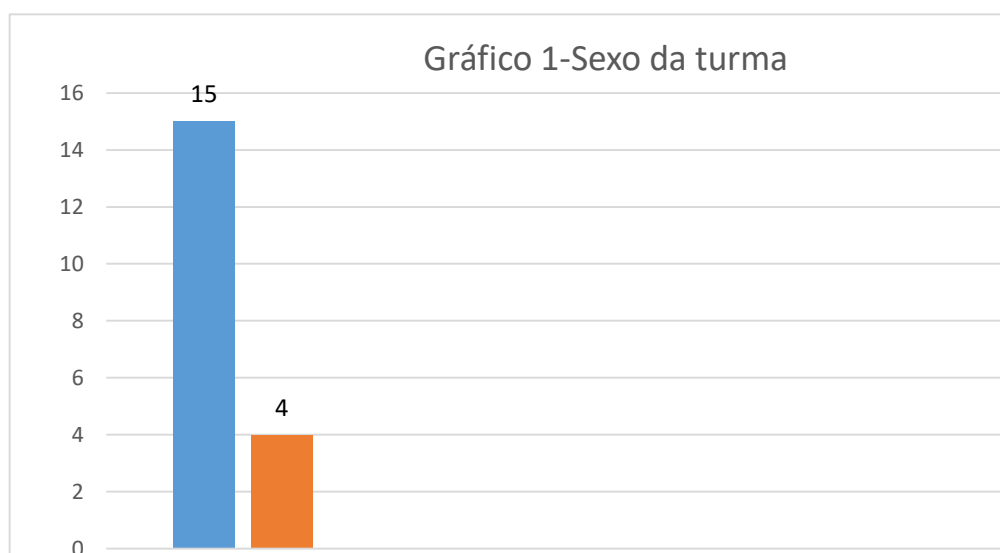
INDIVIDUOS	SEXO	IDADE	COR/RAÇA
01	Feminino	27	PRETA
02	Feminino	36	PRETA
03	Feminino	39	PARDA
04	Feminino	25	PARDA
05	Feminino	27	BRANCA
06	Masculino	38	NEGRO
07	Masculino	31	NEGRO
08	Feminino	30	PARDA
09	Feminino	46	PARDA
10	Feminino	37	NÃO RESPONDEU
11	Masculino	27	PARDO
12	Feminino	24	NEGRA
13	Feminino	27	MISCIGENADA
14	Feminino	28	BRANCA
15	Feminino	29	PARDA
16	Feminino	24	PARDA
17	Masculino	25	PARDO
18	Feminino	28	PARDA
19	Feminino	50	PARDA

Fonte: Questionários aplicados a voluntários da pesquisa na turma de pedagogia 2013.2 noite.

Iniciaremos nossa análise a partir do gráfico 01 relacionado a sexo da turma, revelando que do total dos participantes que responderam ao questionário (dezenove), quinze afirmaram ser do sexo feminino e quatro do sexo masculino. O curso de pedagogia tem como característica ter predominância feminina, como podemos observar no gráfico acima. Para Louro (2007) o que explicaria esse fenômeno são algumas transformações sociais acerca da educação de mulheres, as quais em um primeiro momento eram excluídas das escolas para depois começarem aos poucos conquistar seu espaço nesse ambiente, não só como alunas, mas logo a frente como professoras, outro fator que contribuiu para esse fenômeno, foi o uso de atributos impostos tradicionalmente para as mulheres, colocando-as como mães, carinhosas, afetuosas e para tanto esse novo “ofício” que as mulheres iriam desempenhar precisaria desses requisitos.

A entrada dessas mulheres ao magistério teve um grande avanço nas lutas por independência e a busca da igualdade de direitos das mulheres como nos diz Sales (2016, p. 41) “O magistério, portanto, foi uma alternativa para atuação profissional das mulheres brancas fora de casa e de circulação nos espaços públicos, bem como foi e ainda é um espaço importante na construção da independência feminina”.

Gráfico 01: Sexo da turma

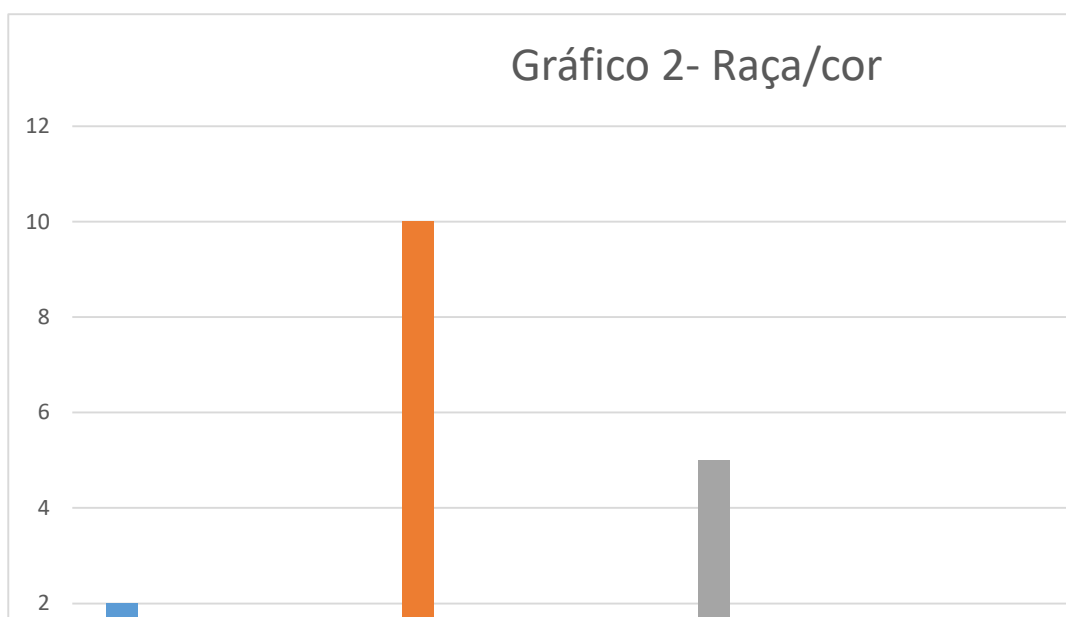


Conforme apresentado no gráfico 02, o quesito cor/raça também faz parte do questionário, pois essa informação também é importante para compor o perfil dos discentes voluntários. Essa questão ficou em aberto para os participantes escreverem como eles mesmos se denominam. Desta forma do total de voluntários da referida turma de pedagogia 2013.2 noite, 10 descreveram-se como pardos/as, 05 consideraram-se pretos/as, 02 identificaram-se como brancos/as, 01 afirmou ser miscigenada, e 01 voluntário se absteve da pergunta.

Vale ressaltar que de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2000), pardo na definição do manual é uma mistura de cor, ou seja, é uma pessoa gerada a partir de alguma miscigenação, seja ela “mulata, cabocla, mestiça e outras”, portanto o miscigenado na qual o indivíduo se auto identificou, entraria na categoria de pardos, e os pardos seriam filhos de pessoas brancas (ou indígenas) com pretos, ou filhos de brancos e indígena, ou pessoas amarelas. Sendo assim de acordo com (GUIMARÃES, 2003 apud SALES 2016, p. 74) “[...] pretos e pardos, considerando suas condições similares de vida, na mesma categoria “negro” [...]”.

Com a análise dos números do gráfico vemos que o número de pessoas pretas e pardas que estão no curso de pedagogia é maior comparado a pessoas brancas, nos leva a crer nessa mudança de cenário em que antigamente pessoas nessas condições de raça que não tinha acesso ao ensino superior. Outro ponto importante a ser discutido, é o fato de a turma ser a noite, em sua maioria os discentes optam por esse turno por serem trabalhadores nos períodos diurnos, outro fator que me faz ter esse pensamento, é a faixa etária dos participantes que está entre 25 e 50 anos.

Gráfico 02: Raça/Cor



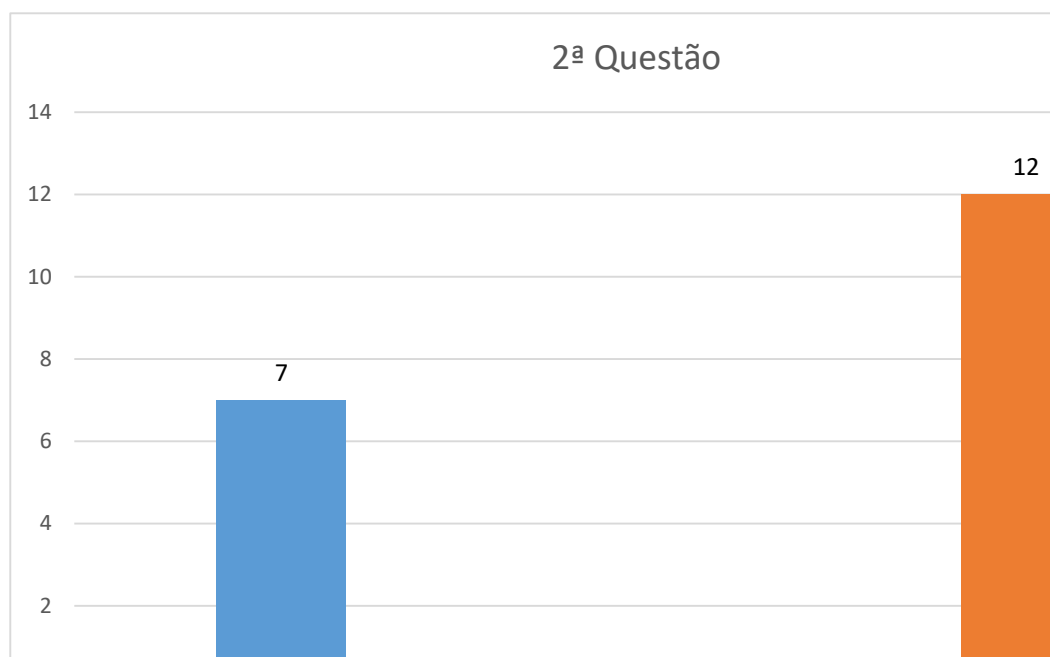
4.2.1 Você tem alguma outra formação acadêmica? Qual?

Dos 19 voluntários a participar do estudo, todos afirmaram que o curso de pedagogia na qual estavam, é única formação acadêmica até o momento, não tendo percentual ao contrário, sendo assim, 100% dos participantes não possuem outra formação acadêmica.

4.2.2 Você já atua na área da educação?

Ao serem indagados na segunda pergunta, se os participantes já atuavam na área, 12 deles afirmaram que não, e 7 afirmaram já atuarem na educação. Considerando que ainda não possuem outra formação acadêmica, há que pensar acerca da ausência de formação, exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394 de 1996. Infelizmente não são raros as situações nas quais, sobretudo na Educação Infantil e nas séries iniciais alguns professores não possuem a formação mínima para atuar o que, na nossa avaliação, implica diretamente no desempenho escolar dos educandos.

Gráfico 03: Segunda questão voltada para a produção de dados

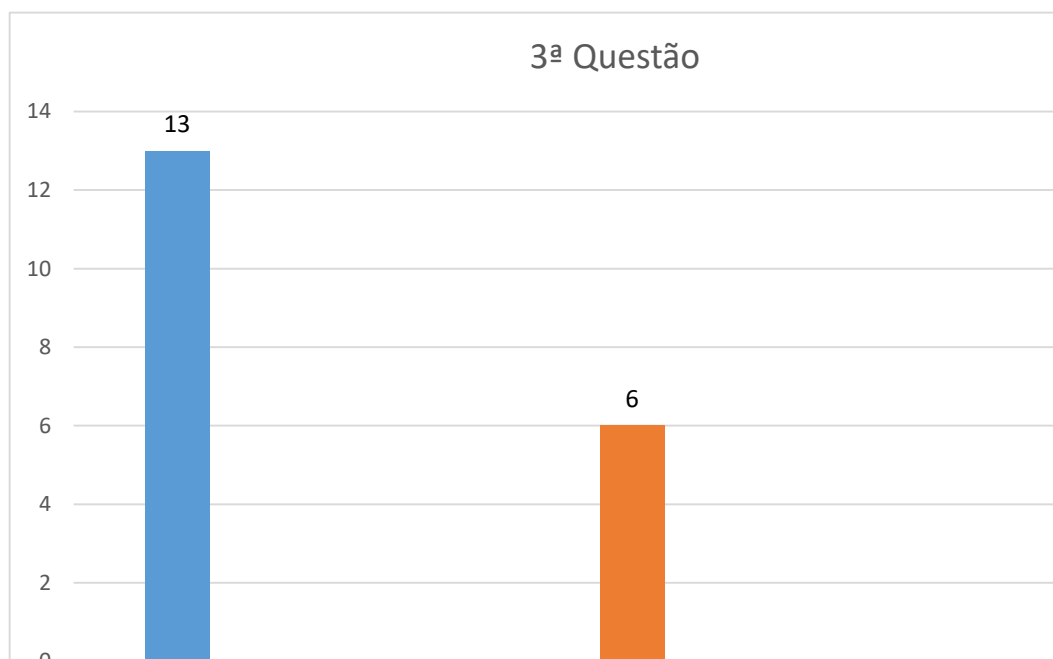


4.2.3 Você sabe o que é gênero?

A maioria dos 19 alunos do CDP que foram voluntários, afirmaram ter conhecimento, ou pelo menos um pouco de conhecimento. Esta pergunta era fechada com três alternativas de

respostas: *Sim, tenho um pouco de conhecimento, não tenho nenhum conhecimento sobre o tema.* Temos representadas as respostas no quadro abaixo.

Gráfico 04: Terceira questão voltada para a produção de dados



Do percentual total dos participantes, aproximadamente 68,4%, o que equivale a 13 indivíduos, responderam que sim, tem conhecimento sobre o tema, e dentre os outros aproximadamente 31,5% que equivale a 6 indivíduos, responderam ter um pouco de conhecimento da temática.

Apesar do percentual de participantes terem afirmado saber o que é gênero, percebe-se nas justificativas que envolvendo a temática, alguns dos participantes associam gênero a sexualidade como mostra o relato a seguir: “Eu acho que o importante não é saber se a pessoa é feminina ou masculina, se uma tem orientação diferente da minha” (indivíduo 9). Segundo Sales (2016, p. 112):

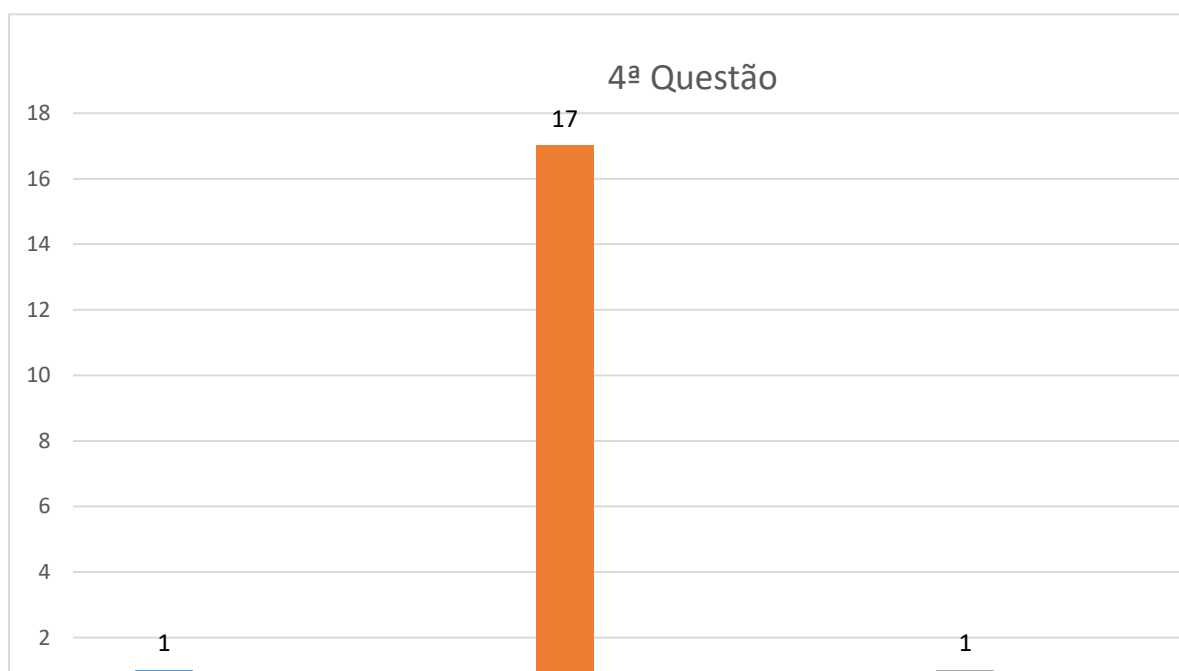
Ao naturalizar gênero e sexualidade situando-as como conhecimento das aulas de Biologia, reitera-se a concepção de que as diferenças entre mulheres e homens fundamentam-se nas diferenças biológicas e que a sexualidade “natural”, portanto “normal”, se desenvolve a partir de parâmetro da heterossexualidade normativa. Desconsidera-se, então, toda a luta do movimento LGBTQTT no sentido de despatologizar as diversas outras experiências de exercício da sexualidade, afirmando-as como dissidentes.

Nesse sentido, percebe-se um entendimento em relação a compreensão de gênero que é limitado, se considerarmos as discussões postas na atualidade, tanto do ponto de vista teórico-conceitual quando em relação as militâncias.

4.2.4 O tema “Questões e relações de gênero” já foi discutido ou abordado em sua formação acadêmica?

A 4ª questão possui três alternativas como respostas, a saber: Sim, poucas vezes, sim muitas vezes, não nenhuma vez. Conforme ilustra o gráfico a seguir, a maioria dos discentes relatou que a temática foi discutida poucas vezes em sala, para melhor visualização segue o gráfico.

Gráfico 05: Quarta questão voltada para a produção de dados



Observa-se no gráfico 05 que 17 dos voluntários relataram que a abordagem da temática ocorreu durante o curso, mas que foram poucas vezes sendo assim um percentual de 89,4% marcaram a segunda opção: Sim, poucas vezes. 01 discente afirmou que a temática fora trabalhada muitas vezes no decorrer do curso, e 01 discente marcou a terceira opção: não, nenhuma vez. O percentual maior é de pessoas que afirmaram que pouco se discutiu sobre gênero em sua formação, o que nos leva a reflexão do porquê dessa temática ter sido pouco abordada, e segundo PPC do curso de pedagogia (2010), se encontram apenas duas disciplinas que em sua ementa a temática de gênero aparece explicitamente. No curso de Licenciatura em pedagogia, em todos os núcleos se encontram disciplinas nas quais as discussões de gênero poderia ser abordado.

4.2.5 Em quais disciplinas a temática das relações de gênero foram abordadas?

Segue abaixo um quadro ilustrando as disciplinas citadas pelos participantes e suas ementas.

Quadro 05- Disciplinas citadas pelos participantes referente à pergunta 5 do questionário.

INDIVÍDUOS	DISCIPLINAS CITADAS
01	Fundamentos da educação inclusiva
02	Educação Inclusiva
03	Fundamentos da educação inclusiva
04	Fundamentos da educação inclusiva
05	Nenhuma
06	Antropologia educacional, psicologia da educação e do desenvolvimento
07	Não lembro, mas recordo que tive aula sobre o tema
08	Bom, eu recordo somente de o tema ser discutido somente na disciplina de fundamentos da educação inclusiva
09	Várias
10	Antropologia da educação, psicologia da aprendizagem
11	Pelo que me recordo, de forma direta, foi discutido na disciplina de FUNDAMENTOS DA EDUCACAO INCLUSIVA e de forma indireta na disciplina de PEDAGOGIA EM AMBIENTES NAO ESCOLARES através de uma palestra sobre os movimentos feministas na cidade de castanhal e em alguns outros momentos, no entanto de forma incipiente
12	Tópicos eletivos: educação inclusiva
13	Fundamentos da educação inclusiva
14	Que eu lembre, em Didática e formação docente e Fundamentos da educação inclusiva
15	Na disciplina de inclusão
16	Disciplina de inclusão (não lembro o nome direito, foi ministrada pela professora Raphaella)
17	Nas disciplinas de tópicos optativos
18	Fundamentos da Educação Inclusiva
19	Não lembro a disciplina, lembro que foi abordado dentro do contexto de sala de aula com relação a preconceito e bullying

Com base nas respostas dos questionários, apresentadas no quadro 05 pode-se observar que a disciplina de fundamentos da educação foi a mais citada entre os que afirmaram que a temática fora trabalhada no curso, como também houve aqueles que citaram a disciplina de psicologia da educação, antropologia da educação, didática e formação docente, todas as disciplinas fazem parte do núcleo de estudos básicos.

Segundo a ementa das disciplinas citadas pelos participantes apenas Antropologia da educação e didática e formação docente, apresentam em suas ementas as questões de relações de gênero, em Antropologia a abordagem seria acerca do estudo das diversidades como gênero, raça, etnia, cor e outros, que são recorrentes em ambientes de atuação do pedagogo. Já a disciplina de didática e formação docente, traz em sua ementa as questões da temática gênero, num viés de construção de identidades docentes e as questões de gênero.

Das outras duas disciplinas também citadas, psicologia da educação e do desenvolvimento e Fundamentos da educação inclusiva, a temática gênero não está exposta de forma explícita, as disciplinas lidam com questões sociais, culturais, históricas e outros campos na qual gênero se desenvolve.

A partir das ementas das disciplinas mais citadas, fica evidente que essas quatro disciplinas garantem a discussão da diversidade, entre elas a de gênero. A disciplina de psicologia da educação traz em sua ementa a discussão acerca da padronização de comportamento na construção histórico-social, e dentro das habilidades e competências da disciplina destaca-se o reconhecimento da condição histórico social para a construção da subjetividade humana e de sujeitos históricos. Dentro dessas discussões, as questões de gênero se encaixam no quesito histórico social para a construção desses sujeitos, assim como a reflexão da padronização de comportamentos em torno dos gêneros. A contribuição dessa disciplina para a formação do pedagogo, pois viria de encontro a tabus que ainda circulam pela temática de gênero.

A disciplina de Antropologia da educação, de acordo com sua habilidade e competências deve abordar conceitos de multiculturalidade e transculturalidade movidos por uma educação da Diferença e da Distinção. Nesse sentido, a disciplina possibilita a discussão sobre as questões de gênero, abordando assim a desigualdade entre gêneros. Trata-se de um tema polêmico, que envolve discriminação, preconceitos, e a abordagem do tema em sala durante a formação, viria a contribuir para a quebra de paradigmas e padrões existentes na sociedade.

A disciplina de Didática e formação docente por sua vez, remete as relações de gênero, quando em sua ementa e suas habilidades e competências, falando sobre a construção de

identidades docentes, problematizando os princípios que estão relacionados a esse processo, como classe social, etnia e as questões de gênero. Nessa disciplina a discussão em torno de gênero seria voltada para a construção de identidade que cada pedagogo constrói durante sua formação acadêmica. Portanto sendo de suma importância essa abordagem em sala.

A disciplina mais citada pelos voluntários foi fundamentos da educação inclusiva, na qual de acordo com sua ementa e suas habilidades e competências, a disciplina dever abranger a educação e a diversidade, como também discutir a inclusão e os direitos humanos, numa perspectivas de formação voltada para a inclusão de todos, tanto em ambientes escolares, como não escolares. A disciplina apresenta como objetivo conhecer os contextos legais, educacionais e socioculturais da inclusão, proporcionando uma discussão a acerca da formação de professores na perspectiva da educação inclusiva. Antigamente a educação era voltada apenas para um público seletivo da sociedade, que seria: homem, branco, rico, católico, heterossexual. E aqueles que não se enquadravam nesse padrão são, portanto hoje considerados como público alvo da educação inclusiva, mulheres, pessoas negras, indígenas, pessoas do campo, pessoas com deficiências e outros. A explanação da temática de gênero dentro dessa disciplina traria abordagens nos mais diferentes olhares, como também mostraria a diferença entre gênero e sexualidade, trabalhando com todos os públicos que a educação inclusiva agrega.

A disciplina estágio em ambiente não escolar, que foi citada por um dos interlocutores, a qual em sua ementa, habilidades e competências, não aparece de forma explícita a abordagem para as questões de gênero, mas deixa em aberto as muitas vivências que o pedagogo pode vir a passar, nos diferentes locais, sociedade, cultura, entre outros. Segue a ementa da disciplina:

Estudo e análise das práticas pedagógicas em Ambientes Não-Escolares. Exercício de vivências através do Estágio Supervisionado em instituições significativas na geração de projetos pedagógicos que demandam a presença do pedagogo. Análise dos pressupostos e implicações destas práticas. Vivências de experiências pedagógicas alternativas. (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA, 2010, p. 78).

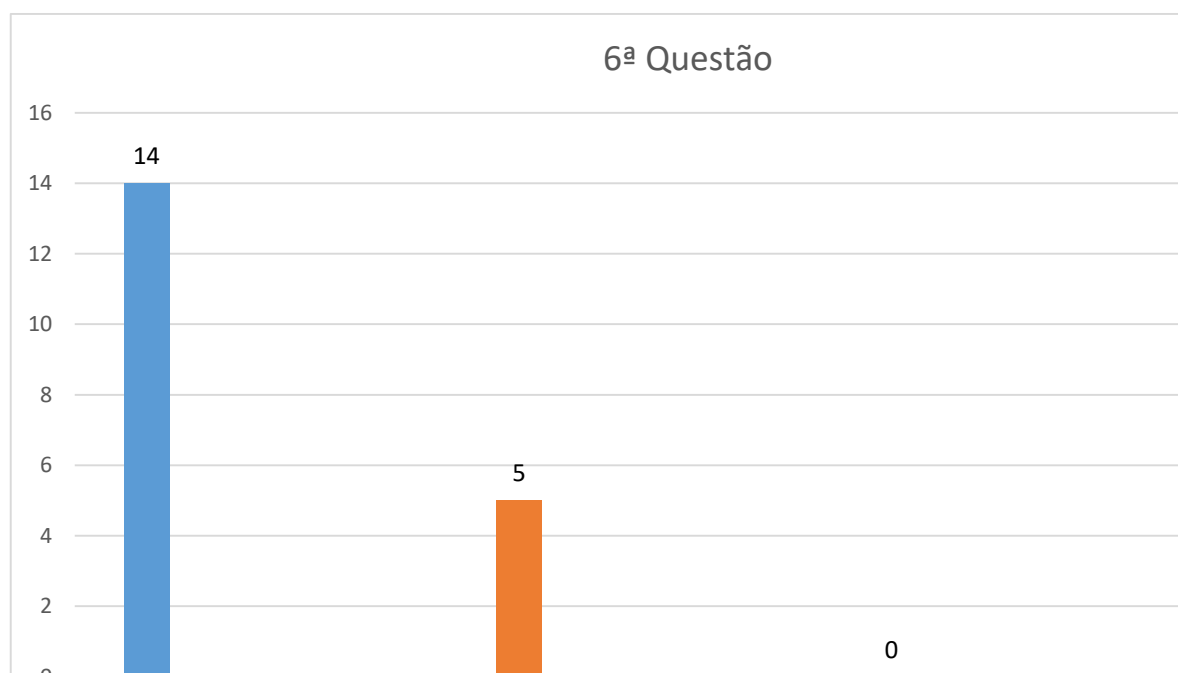
Tiveram outros 2 participantes que citaram tópicos eletivos e tópicos optativos, na qual segundo PPC, são designadas como dimensões dentro do núcleo de estudos integrados, que são ofertadas respectivamente no 6º e 9º semestres, e são de caráter eletivo e optativo. Os participantes não citaram quais disciplinas dentro dessas dimensões, a temática de gênero apareceu.

Os Tópicos eletivos são compostos por duas disciplinas de 45 (quarenta e cinco) horas de caráter eletivo referentes aos seguintes tópicos temáticos: Educação do Campo; Educação Ambiental; Educação de Jovens e Adultos; Formação de Professores na Educação Infantil; Coordenação e Gestão de Ambientes Escolares, e dentro dos tópicos temáticos gênero não aparece de forma explícita, mas pode ser introduzido, uma vez que nas temáticas acima discute-se cultural e relações sociais, ao passo que gênero se constrói a partir de meios sociais e culturais de cada sociedade. Tópicos Optativos de Integração Curricular apresenta atividades curriculares de 60 (sessenta) horas sobre temáticas de interesse dos alunos e professores, deixando-os livres para escolher, deixando a cargo dos discentes se direcionarem entre as tantas temáticas discutidas no campo da educação, entre elas gênero.

4.2.6 Na sua opinião o estudo da temática na formação do pedagogo é:

Nesta questão propõe-se a investigar a opinião dos alunos sobre a relevância do estudo da temática gênero, dentro da formação dos pedagogos. Os resultados obtidos revelam, de acordo com o gráfico 6, em que a maioria dos discentes afirma ser esse estudo fundamental.

Gráfico 06: Sexta questão voltada para a produção de dados



Conforme apresentado no gráfico 06, os discentes do CDP do Campus Universitário de Castanhal (CUNCAST) afirmam, em sua maioria, que o estudo da temática gênero é fundamental para a sua formação. Os números dos discentes que fizeram tal afirmação é de

aproximadamente 73,5% que equivale a 14 discentes. Em relação ao item *relevante* o percentual é de aproximadamente 26,5% que equivale a 5 participantes.

Observou-se que nas respostas dos participantes, a justificativa para essa 6ª questão é que a formação docente, a prática pedagógica foram duas categorias identificadas, como preocupação em suas falas, para a importância com relação ao tema. Sendo possível observar a importância que esse estudo tem para seus alunos, pois aprendem mais sobre questões de gênero.

No que tange a categoria formação, encontra-se as seguintes falas dos discentes:

É imprescindível que o profissional tenha formação para saber lidar com situações relacionadas a gêneros e a outros temas. (Indivíduo 04).

Professor precisa estar preparado, ter conhecimento para lidar, com as situações que se apresentam em sua realidade. (Indivíduo 10).

Devido seu caráter social, essa temática, assim como muitas outras, merece ter sua temática sistematicamente mais elaborada dentro da grade curricular da formação do pedagogo bem como das demais licenciaturas (Indivíduo 11).

Outras justificativas que expressa bem essa visão dos discentes com relação as questões de gênero ser importante para sua formação, encontra-se abaixo respectivamente as justificativos dos indivíduos 13 e 14:

Os pedagogos precisam ser capazes de atuar como profissionais transformadores, visando o questionamento das condições desiguais que estão no cotidiano social e as questões de gênero tem igual importância e devem ser trabalhadas na formação desses profissionais”. (Turma 2013.2).

O professor precisa ter conhecimento sobre os temas emergentes da educação, e sem dúvida a questão de gênero é uma delas, pois constantemente está presente na sociedade, nas discussões políticas e perpassam diariamente o contexto escolar, assim acredito que o pedagogo precisa ser preparado para trabalhar com essa temática tanto na sala de aula quanto em outras áreas que decida atuar. (Turma 2013.2).

Nesse aspecto Bortolini *et al.*, (2014) contribui, afirmando que é fundamental a leitura, a pesquisa e apropriação da temática gênero, antes de se levar a sala de aula, para que não se corra o risco de manter a discussão apenas no senso comum e apenas no que “eu acho”.

No que diz respeito a categoria Prática pedagógica, observa-se que esta foi a mais abordada pelos participantes. Estes por sua vez mostrando-se preocupados com as futuras aulas e com os possíveis conflitos que podem acontecer relacionados a gênero. Em algumas falas, percebemos a ocorrência de elementos como:

Pois o pedagogo tem que estar preparado para lidar com todas as situações (Indivíduo 05).

Porque o pedagogo vai se deparar com situações que vai precisar ter conhecimento sobre a temática. (Indivíduo 06).

É relevante por haver necessidade de entendermos que nossos alunos podem estar passando por algum problema relacionado a temática. (Indivíduo 12).

Nas falas a seguir identificamos essa percepção:

Dentro da sala de aula, devemos lidar com diferentes situações e nesse contexto é relevante a discussão de tal tema. (Indivíduo 19).

Ter conhecimentos sobre a questão de gênero e relevante para o professor, pelo fato de lidar com situações diversas nas escolas, desse modo conseguira opinar claramente sobre o assunto com conhecimento próprio e não por influência dos outros. Por exemplo no meu caso, tenho pouco conhecimento sobre essa temática, e já me vi em situação dentro da escola, em que não tive argumentos para defender uma criança que estava sofrendo bullying. (Indivíduo 15).

Podemos relacionar essa preocupação dos discentes em torno de suas práticas pedagógicas com as afirmações de Bortolini *et al.* (2014, p. 44):

Quando o/a educador/a deixa claro a possibilidade de expressão de todas as falas – e não de apenas algumas que concordem com a sua própria visão de mundo – é que se torna possível a construção efetiva de um espaço de diálogo. Diálogo que é também confronto, confronto de ideias. Confronto que não se esconde atrás de um discurso superficial, nem de falsos consensos, mas que investe, de fato, no aprendizado que podemos ter uns com os outros. Confronto que enriquece, na medida em que põe em discussão diferentes visões de mundo, diferentes perspectivas e propostas de como significar e como agir nesse mundo.

É importante também salientar que dentre os participantes o indivíduo 8, apesar de ter respondido ter algum conhecimento sobre a temática, em sua justificativa para a relevância do tema gênero para sua formação, o mesmo confunde gênero com sexualidade afirmando que:

A discussão sobre o tema é necessária, pois as crianças devem ser esclarecida, para que não se eduquem uma geração que venham a discriminar a opção sexual dos outros. (Indivíduo 8, turma 2013.2).

Louro (2007) vem chamar atenção para esses conceitos que usualmente são confundidos, fazendo com que a sexualidade seja associada ao sexo biológico e conseqüentemente gênero é associado a sexualidade, por historicamente ambos os conceitos terem sido utilizados para criar normas e padrões. E como afirma Weeks *apud* Louro (2007, p. 26) “a sexualidade tem tanto a ver com palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo” ao passo que gênero se dá por construções sociais.

Observa-se, portanto, a necessidade se ter mais essa temática em pauta, para que esses profissionais não saiam da academia apenas reproduzindo conceitos errôneos, como percebemos nessa fala do indivíduo 8.

4.2.7 Você acha que a abordagem do tema colabora e contribui para a formação profissional do pedagogo?

Com relação a essa sétima questão, em que pergunta se a abordagem do tema colabora e contribui para a formação profissional, todas os 19 questionários preenchidos tiveram uma resposta positiva. A abordagem do tema contribui para a formação dos pedagogos, com um percentual de 100%.

Nas justificativas apresentadas, se encontra além das duas categorias já citadas na questão anterior de formação e práticas pedagógicas, encontra-se também a categorias a acerca da construção de identidade e formação de pessoas enquanto cidadãos, como mostra alguns relatos:

“Pois a escola e seus professores possuem grande responsabilidade na formação de identidades de gênero” (Indivíduo 01)

“[...]estamos formando novos cidadãos e pregamos a diversidade e o aceitamento do outro[...]” (Indivíduo 09)

“Se as questões de gênero não forem trabalhadas com esses profissionais, eles iram continuar sendo reprodutores de uma educação sexista”. (Indivíduo 13)

Vejamos outras falas que refletem essas categorias de construção identidades e formação de pessoa.

Essa temática esta intrinsecamente ligada com a formação do indivíduo, e dessa forma deve compor a formação do pedagogo e de todo profissional da educação para que se possa fazer um trabalho educacional de qualidade. (Indivíduo 11).

Pois, como já coloquei na questão anterior é preciso que o pedagogo enquanto educador e formador de cidadãos, tenha formação adequada, para desse modo conseguir lidar de forma correta com situações diversas na escola. (Indivíduo 15).

Nas respostas apresentadas anteriormente todos os participantes demonstram uma preocupação com relação a sua formação, para que ela seja de fato plena, abrangendo todas essas questões e possíveis conflitos que estão inserido nas práticas pedagógicas.

Fazendo-os refletir para que suas atuações enquanto pedagogos, seja pautado na diversidade, contribuindo na formação de cidadãos mais respeitosos e assim se ter uma educação de qualidade. Para Bortolini *et al.* (2014, p. 42/43):

Repensar a prática pedagógica significaria questionar o quanto a escola se constitui em um espaço de reprodução e normatização dos corpos, através do currículo, dos

conteúdos, do material didático, das regras internas, das práticas institucionais e pedagógicas, das violências e dos saberes que legitima. E, ao mesmo tempo, como ela pode se constituir num espaço de resistência, de transformação social e histórica.

Nesta questão todas as respostas foram de forma positiva, ressaltando a importância de se estudar o tema gênero na formação acadêmica, houve duas justificativas que chamou a atenção pela preocupação de colocar as discussões de gênero mais efetivamente em sala, para que assim o profissional possa construir sua própria identidade pedagógica. Outra justificativa que chamou a atenção, foi para a preocupação do participante em ressaltar que sua resposta pautava-se na temática gênero, e não na sexualidade que muitas vezes são confundidas. As justificativas abaixo dos indivíduos 14 e 17 respectivamente:

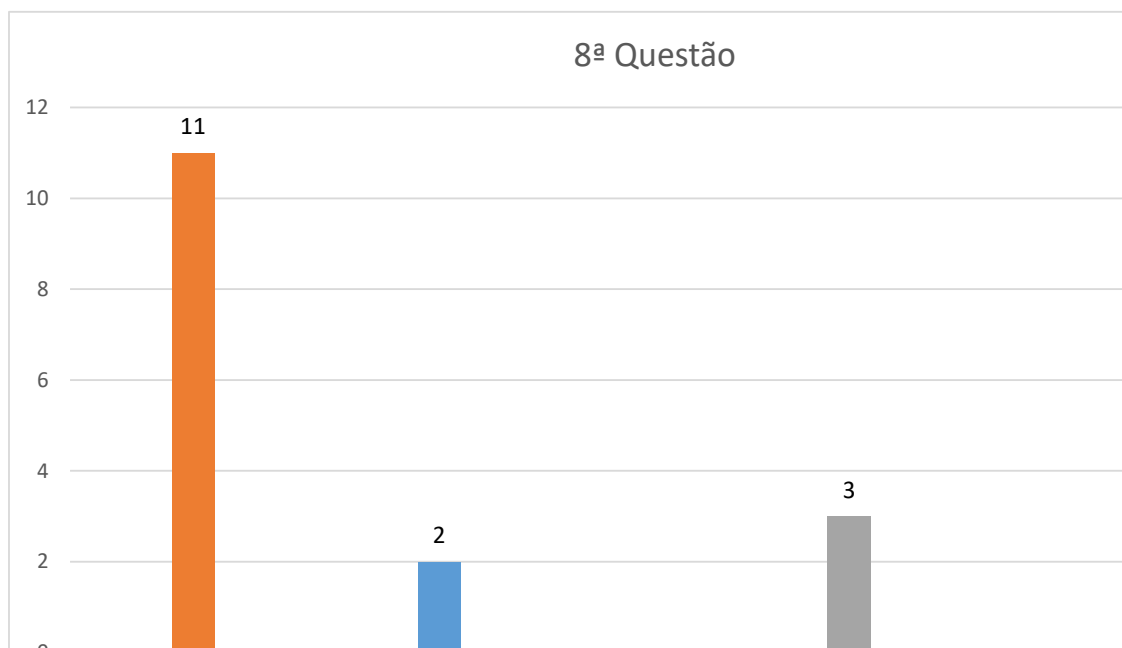
É fundamental que na formação de professores os mesmos tenham não apenas contato com a temática como acontece na maioria das vezes, mas que os mesmos possam ter acesso a conhecimentos teóricos e vivenciem na prática ações que ajudem os mesmos a refletir e construir suas próprias estratégias para trabalhar na sala de aula, no planejamento e organização de práticas educativas que além de proporcionarem conhecimentos aos alunos também ajude na conscientização dos mesmos ajudando a combater os preconceitos e intolerâncias. (Indivíduo 14).

O pedagogo como cientista da educação, deve estar imbuído de elementos que mostre sua identidade quanto profissional, que entenda que cada pessoa nesse viés da temática em questão é livre para tomar decisões e atuar na sociedade plural que vivemos, vale ressaltar que não me refiro à orientação sexual. Haja vista que gênero não está ligado intrinsecamente à orientação sexual dos indivíduos. (Indivíduo 17).

A partir da análise das duas respostas acima, vemos que apesar da temática ter sido abordada poucas vezes em sua formação, como afirma 89,4% dos voluntários, os indivíduos 14 e 17 mostram em suas falas compreender (mesmo que pouco) o que seja o conceito de gênero, e a importância dele para a formação do pedagogo.

4.2.8 Você se acha uma pessoa preconceituosa?

Com relação a essa questão, a maioria dos participantes relataram não ter preconceitos, mas alguns assumiram ter preconceitos. Como podemos observar no gráfico abaixo. Do total de 19 participantes aproximadamente 88% que equivale a 11, responderam não ter preconceito, outros 3 (15,7%) disseram ser preconceituosos dependendo da situação, por sua vez 2 indivíduos (10,5%) assumiram ter preconceitos, e outros 2 (10,5%) responderam que as vezes são preconceituosos. Segue gráfico que ilustra essas respostas.

Gráfico 7: Oitava questão voltada para a produção de dados

Dessa questão vale ressaltar que alguns voluntários associaram seus preconceitos a outras questões como: sexualidade, cor, aparências físicas. Muitos vincularam a questão da sexualidade associando-a a gênero, como se fossem sinônimos.

Aos que afirmaram ter preconceitos também justificaram estarem se policiando, e procurando mudar essas atitudes. Uma das voluntárias associou sua autorreflexão acerca do preconceito na disciplina em que a temática gênero estava sendo discutida, “é interessante ressaltar que no desenvolvimento da disciplina onde foi abordado o tema, eu pude fazer uma reflexão sobre essa pergunta.” Mas a participante explanou sua reflexão apenas nas questões da sexualidade. Outra justificativa que chamam atenção, é a que utiliza da instituição família como base para a aceitação do outro e não proliferação do preconceito como fala o indivíduo 1 “trago valores inseridos na minha base família que sempre colocaram todas as pessoas em um patamar de igualdade, não acredito que a diferença do próximo seja algo que venha a me incomodar”.

Outras justificativas ressaltam que o preconceito é algo que vem sendo repassado historicamente se enraizando de tal forma que o ato de preconceito está enraizado na sociedade e em muitas situações se tornou algo “normal” como afirma o indivíduo 8 e 13 em suas falas “infelizmente o cotidiano social nos faz acreditar a vida toda que o normal é isso ou aquilo”; infelizmente crescemos em uma sociedade extremamente preconceituosa, isto parece ficar enraizado em nós”.

Dos Participantes que justificaram sua resposta da questão 8, ressalto aqui as falas dos indivíduos 2 e 11, que marcaram *Sim*, tem preconceito, segue suas justificativas o porquê de terem preconceito.

Quando tenho ideias preconcebidas acerca de algo desconhecido meu comportamento acaba sendo preconceituoso, pois defino coisas e pessoas a partir do que não conheço. (Indivíduo 2).

Coloquei sim porque compreendo apenas as duas primeiras alternativas. Ou a pessoa tem preconceitos ou não tem. De certa forma me considero uma pessoa preconceituosa mesmo que seja de forma mínima, no entanto minha forma de pensar não pode nem deve superar o respeito pelo outro. (Indivíduo 11).

Dentre as justificativas dos que responderam, *Não*, para a questão anterior, algumas falas foram curtas e sucintas como: “Eu procuro respeitar as pessoas, pois acho que o respeito é a base para todas as relações”; “Não, aprendi a respeitar e aceitar as escolhas das pessoas”

Outras falas que afirmam essa aceitação do outro se encontra nas justificativas desses outros indivíduos 14 e 17:

Acredito que todos nós somos diferentes seja nas características físicas, classe, religião, gênero, atitudes, enfim todos nós, embora tenhamos direitos iguais, somos diferentes e temos liberdade para fazer nossas escolhas, por isso ninguém deve ser desrespeitado ou discriminado pelo que é ou pelas escolhas que faz. (indivíduo 4).

Já falei em outro texto que quando passamos a entender que o outro independente de quem seja, merece respeito e atenção. Às vezes me pergunto onde iremos parar com tanta discriminação... Agora eu digo, falei que não me considero preconceituoso, mas temos atitudes que foram construídas socialmente e que passamos a reproduzir, exemplo, ou melhor, ouvi dizer uma vez que quem usa exemplos para explicar algo, na verdade não o sabe porém afirmo com base no que aprendi na academia, não sou melhor que o outro e o outro sou eu. (Indivíduo 17).

Outra fala que chama a atenção e do indivíduo 18, em que respondeu, *sim, depende da situação*, o participante coloca a todos nós como sujeitos que temos preconceitos, “Todos nós somos preconceituosa, isso está na nossa cultura”.

Esses apontamentos produzem um cenário de das discussões sobre gênero que teve ser fortalecido, uma vez que ainda existem muitos equívocos de compreensão, inclusive conceitual e que, certamente implicam na condução do trabalho pedagógico de professores e professoras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de gênero na formação dos pedagogos constituem um debate atual, que está longe de cessar, cada dia mais essa temática fica recorrente na formação acadêmica desses profissionais. Levando em consideração os objetivos do trabalho que era de compreender como a temática gênero estava sendo trabalhada na formação desses pedagogos, entender que disciplinas estão contribuindo para essa formação, observar como esses profissionais lidam com essas questões, identificando assim o debate das relações de gêneros dentro do currículo do curso de pedagogia.

Os dados obtidos evidenciaram que os discentes, em sua maioria, têm conhecimento (nem que seja o mínimo) da temática gênero. Além do conhecimento sobre o tema, esses discentes identificaram disciplinas que já apresentam em sua ementa conteúdos relacionados a gênero, como: fundamentos da educação inclusiva, antropologia da educação, psicologia da educação, didática e formação docente, assim como disciplinas que em suas entrelinhas permitiram que os discentes tivessem algum contato com a temática como, tópicos eletivos, tópicos optativos e estágio em ambiente não escolar.

Percebe-se também que os discentes têm consciência de que a temática é importante para a formação dos pedagogos, em sua maioria argumentam que a temática é tão cotidiana que não deveria ser ministrada em apenas uma ou duas disciplinas, mas que a temática pudesse ser trabalhada em outras disciplinas que permitam esse entrelace.

Com a contribuição que a discussão do tema gênero traz para a formação, observa-se nas falas da maioria dos participantes a preocupação, com situações que venham a acontecer no momento de atuação como profissional, preocupando-se com conflitos futuros que possam vir ocorrer acerca da temática. Observa-se também na fala de participantes, que o fato da temática já ter sido trabalhada algumas vezes em sua formação o fez refletir sobre seus pré-conceitos, pré-estabelecidos. Outros dizem estar tentando desconstruir seus preconceitos no geral, sua maioria dizem praticar boas relações de respeito, aceitando o outro e sabendo conviver com as diferenças.

Acredito que a temática de gênero mesmo estando presente em algumas disciplinas, as mesmas quando chegam ao encontro dos discentes não se dar de forma integral, visto que muitos dos professores que ministram essas disciplinas tem pouco ou nenhum conhecimento da temática, sendo necessário profissionais com conhecimentos teóricos acerca da relações de gênero. Outra possibilidade seria a criação de grupos de estudos de pesquisa ou de extensão, relacionado ao tema gênero, afim de que alunos que se interessados pudessem aprofundar

seus conhecimentos, produzir trabalhos, e que ao sair de sua formação, seus conhecimentos mais aprofundados do tema venham a ajudar em sua aplicabilidade em qualquer setor que o mesmo venha atuar.

Ao escolher gênero como temática ao ser abordada em meu trabalho de conclusão de curso, tive que me (re)inventar, ao passo que assim como muitos, meus pré-conceitos acerca da temática gênero era fútil e errada, apenas reproduzindo meu achismo que passou de geração em geração na minha família. Mas ao me aprofundar da temática, além de ampliar meus conhecimentos me fez ser alguém melhor, me despindo dos padrões a qual eu ainda seguia e disseminava. Como profissional da educação esse estudo vai me ajudar a melhorar minhas praticas pedagógicas e assim poder construir minha identidade pedagógica pautada na diversidade.

Assim, espero que a pesquisa venha incentivar os debates dentro do curso de pedagogia do campus universitário de castanhal, que ainda são tratados como tabus na sociedade, e que venha contribuir para se pensar em políticas dentro da faculdade que agregue mais temas como gênero, sexualidade, diversidade, racismo e homofobia. Este trabalho tem o intuito também de esclarecer e informar futuros pedagogos, mudando conceitos preconcebidos, buscando proporcionar o respeito, igualdade a equidade, semeando o amor e a paz entre todos.

REFERÊNCIAS

BORTOLINI, A.; COLBERT, M.; BICALHO, P.; MOSTAFA, M.; POLATO, R.; PINHEIRO, T. **Trabalhando Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Currículo e Prática Pedagógica**. 1 ed. 144p. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

BRAGA, Eliane Rose Maio. Gênero, sexualidade e educação: questões pertinentes à pedagogia. In: CARVALHO, Elma JÚLIA Gonçalves de. FAUSTINO, Rosângela Célia. **Educação e Diversidade cultural**. Maringá: EDUEM, p. 205-218. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996**. Brasília, 1996.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GUIMARÃES, A. L. Gênero e etnia no ambiente escolar: incursões conceituais e reflexões para novas práticas pedagógicas. **Ciência Atual**, Rio de Janeiro. v. 5, n. 1, p. 02-09. 2015.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Estudos & pesquisa: informação demográfica e socioeconômica. Rio de Janeiro: IBGE, 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pluraridade Cultural: orientação sexual/secretaria de Educação fundamental. 2ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD). Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

KATZ, J. N. **A invenção da homossexualidade**, Prefácio Gore Vidal; Clara Fernandes: Ediouro, 1996.

KNUPPE, L. VIANNA, P. M. B. MARCON, J. R. A construção da identidade de gênero na Educação Infantil. In: **V ANPED Sul**, 2004, Curitiba, PR Seminário de Pesquisa em Educação: ANPED Sul. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná,. v.1. p. 380-380. 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis - SC, v. 9, n. 2, p.541-553. 2001.

MATTOS, M. Teorias de Gênero ou Teorias e Gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 333-357. 2008.

OLIVEIRA, Amurabi. A escola, nós e os outros: diferença e alteridade na realidade escolar. **Cadernos Pagu**, n. 40, p. 359-368. 2013.

PEREIRA, Edmar Martins. **Síntese do texto conceitos de gênero, etnia e raça**: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST1/Nogueira-Felipe-Teruya_01.pdf.

SALES, L. S. de. **Escola mista, mundo dividido**: infância e construção de gênero na escola. 2002. 100 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 5-22. 1995.

APÊNDICES

DISCIPLINAS QUE ABORDARAM O TEMA GENERO SEGUNDO OS DISCENTES

5. Em quais disciplinas a temática da relações de gênero foram abordadas?	
INDIVÍDUOS	DISCIPLINAS CITADAS
01	Fundamentos da educação inclusiva
02	Educação Inclusiva
03	Fundamentos da educação inclusiva
04	Fundamentos da educação inclusiva
05	Nenhuma
06	Antropologia educacional, psicologia da educação e do desenvolvimento
07	Não lembro, mas recordo que tive aula sobre o tema
08	Bom, eu recordo somente de o tema ser discutido somente na disciplina de fundamentos da educação inclusiva
09	Várias
10	Antropologia da educação, psicologia da aprendizagem
11	Pelo que me recordo, de forma direta, foi discutido na disciplina de FUNDAMENTOS DA EDUCACAO INCLUSIVA e de forma indireta na disciplina de PEDAGOGIA EM AMBIENTES NAO ESCOLARES através de uma palestra sobre os movimentos feministas na cidade de castanhal e em alguns outros momentos, no entanto de forma incipiente.
12	Tópicos eletivos: educação inclusiva
13	Fundamentos da educação inclusiva
14	Que eu lembre, em Didática e formação docente e Fundamentos da educação inclusiva
15	Na disciplina de inclusão
16	Disciplina de inclusão (não lembro o nome direito, foi ministrada pela professora Raphaella)
17	Nas disciplinas de tópicos optativos
18	Fundamentos da Educação Inclusiva.
19	Não lembro a disciplina, lembro que foi abordado dentro do contexto de sala de aula com relação a preconceito e bullying

JUSTIFICATIVAS DA 6ª QUESTÃO

6. Na sua opinião o estudo dessa temática na formação do pedagogos é	
INDIVÍDUOS	JUSTIFICATIVAS

01	Uma universidade que promova igualdade de gênero será também espaço para todos e todas e, quem sabe em um futuro bonito, terá a potência de formar uma sociedade livre do ódio, violência ou perseguição.
02	Essa temática precisa estar inserida na vida escolar dos sujeitos desde cedo, afim de que este trabalho de conscientização e respeito pela individualidade do outro seja assegurada.
03	Pois na atual conjuntura social, as transformações no modelo padrão na formação da família, merece uma atenção especial.
04	O profissional da educação, assim como nas outras profissões, estão vivendo em ambientes muito diversos. É imprescindível que o profissional tenha formação para saber lidar com situações relacionadas a gêneros e a outros temas que geram desconforto dentro e fora dos ambientes escolares, e que são alvos de tanta violência e discriminação. Nós somos responsáveis por formar pessoas que enxergue o outro como ser humano igual a nós e fazemos/faremos isso através da educação.
05	Pois o pedagogo tem que estar preparado para lidar com todas as situações.
06	Porque o pedagogo vai se deparar com situações que vai precisar ter conhecimento sobre a temática.
07	Não respondeu
08	A discussão sobre o tema é necessária, pois as crianças devem ser esclarecida, para que não se eduquem uma geração que venham a discriminar a opção sexual dos outros.
09	Porque o mundo está globalizado, e totalmente modificado inclusive os valores e os padrões que a sociedade aceita, então a gente tem que se encaixa, porque a gente vive numa constate mudança, e a gente vive em uma sociedade que impõe valores a nos, e como a gente molda novos cidadãos a gente tem que também se encaixar nesses novos valores
10	Pois existe e sempre existiu no contexto escolar esta necessidade, o professor precisa estar preparado, ter conhecimento para lidar, com as situações que se apresentam em sua realidade, trabalhar conteúdos que incentivem o respeito ao próximo e as diferenças.
11	Devido seu caráter social, essa temática, assim como muitas outras, merece ter sua temática sistematicamente mais elaborada dentro da grade curricular da formação do pedagogo bem como das demais licenciaturas. O artigo 2 da LDB 9394/96 dispõe os objetivos educacionais e desta maneira impõe ‘o pleno desenvolvimento do educando’ que compõe não somente os aspectos cognitivos do aluno, mas também seus aspectos comportamentais e psíquicos, ou seja, a totalidade do indivíduo “aluno”.
12	É relevante por haver necessidade de entendermos que nossos alunos podem estar passando por algum problema relacionado a temática e nós podemos ser futuros mediadores da situação por sermos aquela pessoa que passará mais tempo com ele, e nós devemos ter uma formação para sabermos como devemos agir e o que devemos fazer. Há, mas você falou que é relevante, sim, nossas disciplinas são com carga horaria pequena e

	não dá para se fazer um aprofundamento na área e se abirmos um espaço para essa temática devemos também ter mais carga horaria para outros assuntos não menos importantes.
13	Os pedagogos precisam ser capazes de atuar como profissionais transformadores, visando o questionamento das condições desiguais que estão no cotidiano social e as questões de gênero tem igual importância e devem ser trabalhadas na formação desses profissionais.
14	O professor precisa ter conhecimento sobre os temas emergentes da educação, e sem dúvida a questão de gênero é uma delas, pois constantemente está presente na sociedade, nas discussões políticas e perpassam diariamente o contexto escolar, assim acredito que o pedagogo precisa ser preparado para trabalhar com essa temática tanto na sala de aula quanto em outras áreas que decida atuar.
15	Ter conhecimentos sobre a questão de gênero e relevante para o professor, pelo fato de lidar com situações diversas nas escolas, desse modo conseguiu opinar claramente sobre o assunto com conhecimento próprio e não por influência dos outros. Por exemplo no meu caso, tenho pouco conhecimento sobre essa temática, e já me vi em situação dentro da escola, em que não tive argumentos para defender uma criança que estava sofrendo bullying.
16	Muito estudantes nunca ouviram falar sobre a temática ou estudaram de uma forma resumida, ocasionando muitas dúvidas.
17	Vivemos em uma sociedade plural, onde cada vez mais necessitamos nos despir de preconceitos e prejuízos, haja vista que a área de abrangência de atuação do pedagogo é bastante ampla, ater-se às temáticas e entender que a vida em sociedade dentro e fora do ambiente de trabalho demanda respeito e aceitação, cada um com suas particularidades formando um todo, a sociedade democrática.
18	Todos os professores precisam saber discussão sobre essa questão gênero e sexualidade.
19	Dentro da sala de aula, devemos lidar com diferentes situações e nesse contexto é relevante a discussão de tal tema.

JUSTIFICATIVAS DA 7ª QUESTÃO

7. Você acha que a abordagem do tema colabora e contribui para a formação do pedagogo?	
INDIVÍDUOS	JUSTIFICATIVAS
01	Pois a escola e seus professores possuem grande responsabilidade na formação de identidades de gênero, sendo assim as universidades tem um papel importante na construção de um profissional
02	Contribui enormemente pois o pedagogo é o profissional que terá contato com sujeitos diversos nesta primeira etapa de vida escolar dos alunos.
03	A apropriação do tema auxilia nas discussões acerca dessa abordagem no ambiente escolar.
04	Não respondeu
05	Porque nos lidamos com um público em que, precisamos dominar as

	diversas áreas de conhecimento para suprir a necessidade de todos.
06	Porque um pedagogo precisa ter conhecimento para lidar com a realidade que atua.
07	Pelo fato do tema está em voga, devemos ter conhecimento sobre, mas não que seja de necessidade absoluta.
08	Com certeza, pois, nós professores contribuimos para a formação intelectual das crianças, podemos contribuir para um lado bom ou ruim, por isso, é necessário saber abordar e trabalhar o tema proposto.
09	A gente como pedagogo e trabalhando com crianças, principalmente as pequenas, temos que nos moldar aos novos valores da sociedade, até estamos formando novos cidadãos e pregamos a diversidade e o aceitamento do outro, fora que a gente mesmo tem que vencer barreiras de preconceitos, então contribui para que a gente possa conhecer a verdadeira sociedade de hoje e possa pelo menos tentar viver numa sociedade mais igual.
10	O profissional precisa ter em sua formação esta abordagem deste tema, por que mesmo com o conhecimento do assunto, muitas vezes é complicado se posicionar diante da realidade.
11	Essa temática esta intrinsicamente ligada com a formação do indivíduo, e dessa forma deve compor a formação do pedagogo e de todo profissional da educação para que se possa fazer um trabalho educacional de qualidade.
12	Como disse anteriormente, precisamos ter uma base para sabermos como devemos agir, e o que devemos fazer, não podemos solucionar os casos, mas podemos mediar a situação com relação ao sujeito que vai estar vivendo a situação, fazemos parte da escola e contribuir para que os pais possam entender e aceitar (alguns casos). Com isso precisamos sim, estudar sobre o tema.
13	Se as questões de gênero não forem trabalhadas com esses profissionais, eles iram continuar sendo reprodutores de uma educação sexista.
14	É fundamental que na formação de professores os mesmos tenham não apenas contato com a temática como acontece na maioria das vezes, mas que os mesmos possam ter acesso a conhecimentos teóricos e vivenciem na prática ações que ajudem os mesmos a refletir e construir suas próprias estratégias para trabalhar na sala de aula, no planejamento e organização de práticas educativas que além de proporcionarem conhecimentos aos alunos também ajude na conscientização dos mesmos ajudando a combater os preconceitos e intolerâncias.
15	Pois, como já coloquei na questão anterior é preciso que o pedagogo enquanto educador e formador de cidadãos, tenha formação adequada, para desse modo conseguir lidar de forma correta com situações diversas na escola.
16	A abordagem dessa temática nos ajuda a solucionar duvidas de nossos futuros alunos quando estivermos atuando como pedagogos.
17	O pedagogo como cientista da educação, deve estar imbuído de elementos que mostre sua identidade quanto profissional, que entenda que cada pessoa nesse véis da temática em questão é livre para tomar decisões e atuar na sociedade plural que vivemos, vale ressaltar que não me refiro à orientação sexual. Haja vista que gênero não está ligado intrinsecamente

	à orientação sexual dos indivíduo.
18	O professor precisa saber discutir todas as questões que envolvem a inclusão e incluir esse público.
19	O pedagogo tem que estar preparado para agir em inúmeras circunstâncias, em todas as áreas de atuação da profissão, se apresentarem situações nas quais os conhecimentos sobre o tema, serão de suma importância em resoluções ou estratégias para essas resoluções, com relação a preconceitos aceitação, entre outros fatores, nas quais o profissional terá que agir.

JUSTIFICATIVAS DA 8ª QUESTÃO

8. Você se acha uma pessoa preconceituosa?	
INDIVÍDUOS	JUSTIFICATIVAS
01	Trago valores inseridos na minha base família que sempre colocaram todas as pessoas em um patamar de igualdade, não acredito que a diferença do próximo seja algo que venha a me incomodar.
02	Quando tenho ideias preconcebidas a cerca de algo desconhecido meu comportamento acaba sendo preconceituoso, pois defino coisas e pessoas a partir do que não conheço.
03	É interessante ressaltar que no desenvolvimento da disciplina onde foi abordado o tema, eu pude fazer uma reflexão sobre essa pergunta. Então eu pensei... Eu tenho filhos, então qual seria a minha reação se eles se assumissem homossexuais? A resposta veio em seguida, eu quero que meus filhos sejam felizes, independentemente de suas escolhas e opção sexual, cabendo a mim aceitar e respeitá-los como ser humano.
04	Não justificou
05	Pois eu nunca me escondi atrás de situações que revelam o preconceito, como por exemplo a frase “eu não sou preconceituosa, mas...” E daí se utilizam dessas situações para tentar mascarar o seu preconceito.
06	Não justificou
07	Não justificou
08	Se eu disser que não sou, estou mentindo, pois quem nunca foi preconceituoso atire a primeira pedra, infelizmente crescemos em uma sociedade extremamente preconceituosa, isto parece ficar enraizado em nós. Que possamos tentar mudar um pouco essa realidade para as futuras gerações.
09	Eu acho que o importante não é saber se a pessoa é feminina ou masculina, se uma tem orientação diferente da minha, isso não faz a pessoa mais ou menos, pra mim o pior defeito é ser mal caráter, o resto sai na urina, então eu não tenho preconceito nenhum. Até por que eu tenho amigos e amigas que tem diferentes opiniões e eu respeito todos, assim como eu quero que eles me respeitem, eu respeito as opções de cada um, até porque o livre arbítrio foi dado por Deus e não por mim.
10	Eu procuro respeitar as pessoas, pois acho que o respeito é a base para

	todas as relações.
11	Coloquei sim porque compreendo apenas as duas primeiras alternativas. Ou a pessoa tem preconceitos ou não tem. De certa forma me considero uma pessoa preconceituosa mesmo que seja de forma mínima, no entanto minha forma de pensar não pode nem deve superar o respeito pelo outro.
12	Há muito tempo venho me “policiando” em relação a pessoas gordas, já fui aquele ser humano que nem perto sentava. Hoje graças a deus consigo ser amiga, mas não me vejo namorando ou andando em um ônibus que uma pessoa gorda esteja do meu lado.
13	Infelizmente o cotidiano social nos faz acreditar a vida toda que o normal é isso ou aquilo, e acabamos por reproduzir essas crenças no nosso cotidiano, tenho trabalhado minhas crenças afim de ser uma pessoa mais humana diariamente, tentando respeitar o máximo cada pessoa.
14	Acredito que todos nós somos diferentes seja nas características físicas, classe, religião, gênero, atitudes, enfim todos nós, embora tenhamos direitos iguais, somos diferentes e temos liberdade para fazer nossas escolhas, por isso ninguém deve ser desrespeitado ou discriminado pelo que é ou pelas escolhas que faz.
15	É difícil me colocar como uma pessoa preconceituosa, para tanto é necessário que assim eu trate esse preconceito. Já tenho evoluído muito, saindo da minha zona de conforto e me colocar no lugar do outro, conversas e amizades estão colaborando para eu quebrar essas barreiras, me vejo preconceituosa em situações como: tenho amigos gays, mas talvez eu não gostasse se meu irmão fosse, ensinar para minha filha o que é brincadeira de menino e de menina.
16	Não, aprendi a respeitar e aceitar as escolhas das pessoas.
17	Já falei em outro texto que quando passamos a entender que o outro independente de quem seja, merece respeito e atenção. Às vezes me pergunto onde iremos parar com tanta discriminação... Agora eu digo, falei que não me considero preconceituoso, mas temos atitudes que foram construídas socialmente e que passamos a reproduzir, exemplo, ou melhor, ouvi dizer uma vez que quem usa exemplos para explicar algo, na verdade não o sabe porém afirmo com base no que aprendi na academia, não sou melhor que o outro e o outro sou eu.
18	Todos nós somos preconceituosa, isso está na nossa cultura. Em algumas situações com relação a assalto em ver uma pessoa negra vindo na minha direção eu fico com medo de ser assaltado e esse medo quando acontece com uma pessoa branca não passa por mim, porém, eu acabo tentando desconstruir esse preconceito, ou qualquer outro que venha acontecer, pois, estamos em constante mudança.
19	Não justificou